



UFRPE

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO - UFRPE

BACHARELADO EM AGROECOLOGIA

CÍCERA MARIA DE JESUS

**APRENDENDO COM AS MULHERES AGRICULTORAS E SUAS PLANTAS
MEDICINAIS NOS SERTÕES DO PAJEÚ E DA CHAPADA DO ARARIPE,
PERNAMBUCO**

SANTA CRUZ DA BAIXA VERDE - PE

2025

CÍCERA MARIA DE JESUS

**APRENDENDO COM AS MULHERES AGRICULTORAS E SUAS PLANTAS
MEDICINAIS NOS SERTÕES DO PAJEÚ E DA CHAPADA DO ARARIPE,
PERNAMBUCO**

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Memorial submetido ao curso de Bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Agroecologia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Virginia de Almeida Aguiar

Coorientadora: Profa. Dra. Lourinalda Luiza da Silva Dantas

SANTA CRUZ DA BAIXA VERDE - PE

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Auxiliadora Cunha – CRB-4 1134

J58a Jesus, Cícera Maria de.

Aprendendo com as mulheres agricultoras e suas plantas medicinais nos Sertões do Pajeú e da Chapada do Araripe, Pernambuco / Cícera Maria de Jesus. - Recife, 2025.

65 f.; il.

Orientador(a): Maria Virginia de Almeida Aguiar.

Co-orientador(a): Lourinalda Luiza da Silva Dantas.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Bacharelado em Agroecologia, Recife, BR-PE, 2025.

Inclui referências, apêndice(s) e anexo(s).

1. Conhecimentos, atitudes e prática. 2. Campesinato. 3. Regiões áridas. 4. Medicina Popular
I. Aguiar, Maria Virginia de Almeida, orient. II. Dantas, Lourinalda Luiza da Silva, coorient. III. Título

CDD 630.2745



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO - UFRPE
BACHARELADO EM AGROECOLOGIA

CÍCERA MARIA DE JESUS

**APRENDENDO COM AS MULHERES AGRICULTORAS E SUAS PLANTAS
MEDICINAIS NOS SERTÕES DO PAJEÚ E DA CHAPADA DO ARARIPE,
PERNAMBUCO**

SANTA CRUZ DA BAIXA VERDE - PE

2025

CÍCERA MARIA DE JESUS

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de bacharela e aprovado em sua forma final pelo Curso de Bacharelado em Agroecologia.

Recife/PE, 17 de março de 2025.

Profa. Maria Virgínia de Almeida Aguiar
Coordenação do Curso

Banca examinadora

Profa. Maria Virgínia de Almeida Aguiar
UFRPE

Profa. Julia Figueredo Benzaquen
UFRPE

Profa. Lourinalda Luiza Dantas da Silva
UFRPE

Profa. Gilvânia de Oliveira Silva
UFRPE

Dedico este trabalho a todas as mulheres que conheci e as outras que encontrarei no percorrer da minha trajetória em especial a minha mãe, Rosa Honório de Lima (*in memoriam*), que não foi apenas minha mãe, mas amiga e maior incentivadora da minha história, que só teve a oportunidade de ser alfabetizada e sempre será meu melhor exemplo de resistência diante das dificuldades, de paciência e amor. Sua força e sabedoria continua a me guiar, mesmo na sua ausência.

AGRADECIMENTOS

Esta realização só foi possível pela permissão de Deus, que sempre me proporcionou oportunidades, e, mesmo nos momentos de dificuldades, colocou pessoas especiais ao meu lado, que colaboraram para concretizar o meu tão sonhado diploma.

Aos meus pais, José Sebastião de Lima e Rosa Honório de Lima, que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando nessa jornada. Lembro com carinho quando, ainda criança, compraram uma enciclopédia e uma adorável caneta de 10 cores, estimulando minha curiosidade e amor pelos estudos.

Ao meu irmão, Paulo José de Lima, que partiu tão cedo, mas me deixou um legado de paciência e dedicação, ensinando-me que, com esforço e carinho, tudo é possível. Seu exemplo é meu alicerce, e me acalma nos momentos de aflição.

A todos os meus amigos que me incentivaram com palavras de conforto, e aos que me apoiaram financeiramente. O apoio de vocês foi fundamental para que eu pudesse continuar.

A Adessu e ao Centro Sabiá, que me deram a oportunidade de trabalhar e aprender sobre o meio ambiente e agroecologia, além de me proporcionarem experiências riquíssimas que me orientaram como profissional.

Agradeço a todas/os da minha turma. Para os que ficaram para outras turmas, para aqueles que seguiram novos caminhos, e para os que não se identificaram, meu carinho e gratidão pela partilha. Em especial, a Lara Rebonato, que nunca me deixou sozinha e que sempre esteve comigo desde o primeiro dia em que nos conhecemos.

As famílias que compõem a Associação Agrodóia e à Silvanete e família, que me receberam em meu Estágio Supervisionado Obrigatório I. Agradeço pelo trabalho dedicado ao cuidado com o meio ambiente, às abelhas melíponas e pela produção de fitoterápicos.

Agradeço também à Adessu Baixa Verde pela acolhida no Estágio Supervisionado II, ao supervisor Leandro e à equipe, que me ensinaram tanto e me ajudaram a crescer com o projeto.

À minha orientadora, Maria Virginia Almeida Aguiar, que segurou minha mão em todo o processo e me apoiou nos momentos de insegurança. Sua dedicação me sustentou quando eu mais precisei, e suas orientações foram essenciais para que eu conseguisse escrever e concluir meu trabalho, desde o primeiro dia em que a vi, senti uma confiança imediata, e estava certa em acreditar nela como meu “anjo”.

À professora Lourí, que abriu as portas para novas experiências, especialmente no trabalho com mulheres e o Centro de Educação Ambiental (CEA), por me inspirar tanto. À

Gersica Silva, pela parceria constante e por acreditar em mim, me ensinando todos os dias com tanto carinho e paciência.

A todos os professores que me acompanharam neste curso, dedicando seu tempo e esforço para transformar nossas vidas. Seus conhecimentos iluminam nossos caminhos. Em especial, Felipe Jalfim, que devido a questões de saúde, precisou se afastar das aulas. Sua presença foi fundamental em minha trajetória. A todos os funcionários da instituição, que nos proporcionaram um ambiente limpo, seguro e acolhedor. À rede de apoio, principalmente familiares e amigos, que sempre tive quando saía de casa: alguém para alimentar os animais, me oferecer um lugar para dormir e guardar meus pertences enquanto estava nas vivências universitárias, Eraldo Santana que sempre foi meu confidente e parceiro, que me apoiou incondicionalmente e incentivou a seguir meus sonhos. Sem vocês, nada disso seria possível.

E, por fim, à parceria com o poder municipal, que me apoiou mesmo sem me conhecer pessoalmente, em especial à Secretaria de Saúde, que me ajudou a encaixar minha vaga no carro do Tratamento Fora do Domicílio (TFD). Sem essa ajuda, eu não estaria aqui hoje, contando a minha história.

A todos que contribuíram e também aos que não contribuíram, minha eterna gratidão!

É com imensa alegria,
Que venho aqui me apresentar
Por meio desta carta para alguém tão singular
Alguém com quem aprendi
Que fez meus olhos abrir
E ter um novo olhar
É a minha professora
E também orientadora
M^a Virginia Almeida Aguiar

Desde os meus ancestrais
Que mantém-se muito vivas
As práticas medicinais
Feitas com plantas nativas
São nobres medicamentos
Seja na forma de unguento
Também na forma de chá
Um remédio eficiente
Para febre, dor de dente
Diarreia e mal estar

Louri nos deu disciplina de ciclos
Reavivou a chama adormecida.
Tudo que aprendi na vida
Com ela aprendi a desidratar plantas
E fazer o herbário e conservar
E agora para meu memorial
Estou escrevendo e praticando
Tudo que é necessário
Para a espécie preservar

Primeiros passos com meus pais.
Também na comunidade.
Pratiquei em outros espaços
E atualmente na universidade.

Experienciando a imersão
Não houve foco nesse aprendizado
Das plantas medicinais.
Mas como diz o ditado
De comida de verdade, cultura e alimentação
Também somos curados.

Por isso, peço apoio a vocês
Para meu objetivo divulgar
E não me diga que é clichê
Cada um /a fazendo sua parte
A vida de todos pode melhorar.

Cícera Maria (2024)

RESUMO

Neste Memorial trago minha trajetória no curso de Bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco (2020.2 a 2024.2) com destaque sobre a importância das plantas medicinais e a valorização do trabalho das mulheres no campo para a promoção da saúde. Para isso, trago elementos dos aprendizados das vivências realidade-campo e universidade e imersões realizadas durante o curso, faço uma revisão bibliográfica. Também realizo uma pesquisa de campo utilizando técnicas como entrevista e caminhada transversal em quintais, para coleta de dados sobre o uso de plantas medicinais por mulheres agricultoras de Santa Cruz da Baixa Verde/PE, sobre a importância do uso das plantas medicinais e o resgate destes saberes junto as minhas ancestrais, para a continuação e perpetuação deste conhecimento. Ademais, o Memorial também destaca o papel da Universidade Federal Rural de Pernambuco na formação de profissionais comprometidos com a sustentabilidade e a preservação do meio ambiente. Por fim, reforça a relevância de dar voz e visibilidade às mulheres que estão na linha de frente dessas mudanças, fortalecendo laços e promovendo igualdade.

Palavras-chave: Conhecimentos Tradicionais; Campesinato; Semiárido; Medicina Popular

ABSTRACT

In this Academic Memoir, I present my journey through the Bachelor's Degree in Agroecology at the Federal Rural University of Pernambuco (2020.2 to 2024.2), highlighting the importance of medicinal plants and the appreciation of women's work in rural areas for the promotion of health. To this end, I draw on experiences from both the rural field and the university environment, as well as immersion activities carried out throughout the course, and conduct a literature review. I also conduct field research using techniques such as interviews and transect walks through home gardens to collect data on the use of medicinal plants by women farmers in Santa Cruz da Baixa Verde, Pernambuco. The research explores the significance of medicinal plant use and the recovery of ancestral knowledge as a way to continue and preserve these traditions. Furthermore, the Memoir emphasizes the role of the Federal Rural University of Pernambuco in training professionals committed to sustainability and environmental preservation. Finally, it reinforces the importance of giving voice and visibility to women who are at the forefront of these changes, strengthening bonds and promoting equality.

Keywords: Traditional Knowledge; Peasantry; Semi-Arid Region; Folk Medicine

LISTA DE FIGURAS

	Pg
Figura 1 Família Lima – Comunidade Santana dos Guerras – Santa Cruz da Baixa Verde, 2024	16
Figura 2 Meus pais em Santana dos Guerras, Santa Cruz da Baixa Verde-PE, 2010	19
Figura 3 Território do Sertão do Pajeú	30
Figura 4 1º Relógio Biológico do Corpo Humano, CEA/SESC Serra Talhada	33
Figura 5 Relógio Biológico do Corpo Humano implantado no Assentamento João Pedro Teixeira, Serra Talhada/PE	34
Figura 6 Relógio Biológico do Corpo Humano implantado no meu agroecossistema .	34
Figura 7 Implantação de um Relógio Biológico do Corpo Humano durante a Jornada do Dia da Terra, UFRPE/UAST - 2024	34
Figura 8 Planejamento da implantação do SAF no Sítio Santana dos Guerras, 2023 ...	35
Figura 9 O dia da implantação do SAF.....	37
Figura 10 O SAF 01 ano depois do plantio	37
Figura 11 Resultado da prática de beneficiamento dos frutos da bananeira - Território Xukuru	39
Figura 12 Maria Alves em sua residência sendo entrevistada	40
Figura 13 Eliane e seu grande pé de boldo	42
Figura 14 Maria Barbosa, com seus ramos para tirar quebranto	45
Figura 15 Francisca explicando os benefícios da casca de romã	46
Figura 16 Joaquina colhendo acerola	48
Figura 17 Transecto na agrofloresta de Lucia, agricultora associada na Agrodóia	59
Figura 18 Resultado da produção de óleo essencial da planta maria preta	60
Figura 19 A casa de meliponicultura - Exú/PE	60
Figura 20 SAF forrageiro para os bovinos na propriedade de Silvanete	61
Figura 21 Pimenta de macaco encontrada no quintal de uma família agricultura no município de Triunfo/PE	62
Figura 22 Visão do quintal produtivo e sua diversidade de um agroecossistema familiar de Santa Cruz da Baixa Verde	62

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGRODÓIA	Associação dos Agricultores Familiares da Serra dos Paus Dóias
ADESSU	Associação de Desenvolvimento Rural Sustentável Baixa Verde
ASA	Articulação Semiárido Brasileiro
ATER	Assistência Técnica e Extensão Rural
BACEP	Bacharelado em Agroecologia Campesinato e Educação Popular
CAATINGA	Centro de Assessoria e Apoio aos Trabalhadores e Instituições Não-Governamentais Alternativas
CEA	Centro de Educação Ambiental
CJMA	Comissão de Jovens Multiplicadores em Agroecologia
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ESO	Estágio Supervisionado Obrigatório
FRS	Fundo Rotativo Solidário
KNH	Kinder Not Hilfer
JAC	Juventude Arte e Cultura
ONG	Organização Não Governamental
PANCs	Plantas Alimentícias Não Convencionais
PIMC	Programa 1 Milhão de Cisternas
PNA	Plano Nacional de Alfabetização
SUS	Sistema Único de Saúde
RAC	Reuso Águas Cinzas
RBCH	Relógio Biológico do Corpo Humano
SAF	Sistema Agroflorestal
TFD	Tratamento Fora do Domicílio
UAST	Unidade Acadêmica de Serra Talhada
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UNIVASF	Universidade Federal do Vale de São Francisco

SUMÁRIO

	Pg
1 INTRODUÇÃO	14
1.1 METODOLOGIA	20
2 LINHA DO TEMPO - PRINCIPAIS FATOS DA MINHA BIOGRAFIA ACADÊMICA	22
3 AS PLANTAS MEDICINAIS USADAS NOS CUIDADOS DA SAÚDE NA COMUNIDADE SANTANA DOS GUERRAS	37
3.1 MARIA E O FARMACÊUTICO QUE GOSTAVA DE PLANTAS MEDICINAIS	37
3.2 ELIANE E SUA CONEXÃO COM A TERRA E O MEIO AMBIENTE	40
3.3 MARIA BARBOSA E SUA CONEXÃO ÍNTIMA COM A FÉ	42
3.4 FRANCISCA GERTRUDES E SEUS SONHOS POSSÍVEIS	44
3.5 JOAQUINA MARIA E A RESILIÊNCIA PARA SOBREVIVER QUANDO CRIANÇA	46
4 ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS OBRIGATÓRIOS I E II – APROFUNDANDO O CONHECIMENTO SOBRE AS PLANTAS MEDICINAIS USADAS PELAS MULHERES CAMPONESAS DO SERTÃO	55
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
6 REFERÊNCIAS	61
7 ANEXO I - ORAÇÃO ESCRITA POR JOSÉ (MEU PAI), USADA PARA MALES DA GARGANTA	63
8 APÊNDICE I - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM AS MULHERES E SUAS PLANTAS MEDICINAIS	64
9 APÊNDICE II - TERMO DE CONSENTIMENTO PARA USO DE IMAGEM E PARTICIPAÇÃO NO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (PARA RESPONSÁVEL LEGAL PELO MENOR DE 18 ANOS)	65

1 INTRODUÇÃO

Eu sou camponesa, filha de agricultores familiares, e minha vida está ligada à terra desde que me entendo por gente, aprendendo a plantar sementes e ajudar na colheita, atividades essenciais para a vida no campo e para a produção de alimentos. Nasci no Sítio Santana dos Guerras, zona rural de Santa Cruz da Baixa Verde-PE¹, no Sertão do Pajeú, semiárido pernambucano, há 415 km da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE.

No início de tudo, no ano de 1912, nossa propriedade tinha 2 ha, comprados pelo meu avô paterno. Ele morava há uns 04 km, no Sítio Bom Sucesso. Depois do casamento, meu avô e minha avó começaram a cultivar culturas anuais como feijão de corda, milho, fava, algodão e mamona e algumas fruteiras, sendo que a que mais predominava era a pinha. Naquela época, a comunidade tinha duas famílias distintas com sobrenomes Santana e Guerra e, ao longo dos anos, foram chegando outras famílias através de casamento ou que simplesmente vieram morar ali.

Meu pai José se casou muito jovem, aos 21 anos, no ano de 1940. Era um homem forte e rigoroso, era católico e devoto de São Sebastião e Padre Cícero, temente a Deus, sempre acreditava no poder da oração. Frequentemente alguém chegava até a nossa casa ou pedia para ir “rezar em alguém doente”. No Anexo I podemos ver uma oração rezada por ele. Também usava as plantas medicinais, a partir de conhecimentos passados por gerações, para ajudar as pessoas ou animais. Ele era muito conhecido nos sítios circunvizinhos pela sua sabedoria e dedicação para ajudar e curar de forma simples.

Minha família é grande. Meu pai teve 06 filhos antes de se casar com minha mãe: a primeira filha foi Benedita, que não conheci pois fugiu de casa para se casar aos 17 anos e nunca mais deu notícias; depois veio Renato, que não tive muito contato, ele era casado e morava em Paulo Afonso-BA e só vinha passear quando estava de férias. Quando eu tinha 04 anos, ele sofreu um acidente na Companhia Hidroelétrica do São Francisco - Chesf, e faleceu; Maria, sempre brincalhona, mas muito reservada, sempre oferece seu ombro amigo na hora que precisar, adora fazer piadas para darmos boas risadas; Manoel foi embora da comunidade quando eu nem tinha nascido; Josina e Dalva nos cuidavam enquanto éramos crianças e conciliavam os afazeres domésticos com o trabalho no roçado. Josina, sempre tranquila e conservadora e Dalva, sempre nervosa e ansiosa por tudo. Meu pai também teve um filho fora

¹ Na época, a comunidade pertencia ao município de Triunfo- PE, mas em outubro de 1991, houve o desmembramento e Santa Cruz foi nomeado município.

do casamento, o irmão Francisco. Na Figura 1, a seguir, podemos ver a composição familiar Lima.

Figura 1 - Família Lima – Comunidade Santana dos Guerras – Santa Cruz da Baixa Verde, 2024



Obs: Sentadas, da direita para a esquerda, vemos Dalva, Josina e Maria; e, em pé, Joaquina, Flávia, Renato e Filipe

Fonte: Autoria própria (2024);

Em 1974 meu pai ficou viúvo e, no ano seguinte, casou-se com minha mãe Rosa. Dessa união nasceu Joaquina, minha irmã mais velha, eu e Paulo, o irmão caçula. Minha mãe era uma mulher muito zelosa com os filhos, seja fazendo uma comida que gostávamos ou no preparo de chás e lambedores, para quando estávamos com alguma doença. Era trabalhadeira e sempre disposta a todo serviço, tanto os domésticos, como os do roçado, e devido a idade avançada do meu pai e a sua doença, ela teve que virar “chefe de família”.

Desde pequenos, eles nos ensinaram a lidar com a terra, plantar no período chuvoso e colher na época da colheita, criar animais como bovinos, caprinos e galinhas e até jumento, cultivar culturas anuais (milho, feijão, macaxeira), implantar o quintal onde, ao longo dos anos, meu pai sempre plantava uma fruteira pois, segundo ele, a intenção era termos o que nos alimentar e não ir colher frutas nas fruteiras alheias. Ele comprava algumas mudas, ganhava e produzia outras, inclusive a exótica lichia que esperou muito tempo para frutificar. Para manter essas mudas no período de estiagem, a busca pela água na cabeça era uma das tarefas que precisava ser feita há pelo menos 1 km, para a irrigação de salvação². Essa água também era

² Irrigação de salvação é a disponibilização de água o suficiente para atender as necessidades mínimas da planta, permitindo a sua sobrevivência durante a falta de chuvas.

usada para todo o consumo da família. Hoje em dia, o acesso à água mudou e, com ele, o trabalho das mulheres pois, desde 1997 um pré-candidato a vereador conseguiu trazer um poço artesiano comunitário na propriedade para uso de toda a vizinhança e no ano de 2012, chegou uma cisterna de 16 mil litros em casa, construída através do PIMC (Programa 1 Milhão de Cisternas).

A seguir, na Figura 2, apresento uma imagem de meus pais na nossa casa na comunidade Santana dos Guerras. Eles já são falecidos (meu pai, em fevereiro de 2017 e, minha mãe, em junho de 2018) e ficamos eu e minha irmã na terra para seguir com suas histórias.

Figura 2 - Meus pais em Santana dos Guerras, Santa Cruz da Baixa Verde-PE, 2010



Fonte: Acervo do Centro Sabiá (2010);

Nossa vivência na agricultura familiar, com foco na produção para o consumo próprio e a preservação das tradições agrícolas, representa essa resistência e busca por independência. A manutenção do modo de vida rural, ainda que desafiada por questões como a falta de acesso a políticas públicas adequadas, é um reflexo do compromisso de nossa família com a agricultura sustentável e o cuidado com a terra.

Mesmo sem saber, desde cedo minha família já colocava em prática alguns princípios da agroecologia, como o plantio consorciado, a manutenção da agrobiodiversidade nos roçados e no quintal, o aproveitamento das águas cinzas para irrigar as plantas, o reaproveitamento das podas para cobertura morta e o consumo ecológico da lenha, pois se consumia somente as podas das árvores (de fruteiras e da caatinga), mantendo-as no agroecossistema. A “agroecologia como ciência, movimento e prática, prediz a multidisciplinariedade embasada na troca de saberes e apoiada na sustentabilidade dos agroecossistemas” (Castro, 2024, p.44).

A vida na roça é dura. O sol castiga, a chuva atrasa, e o trabalho parece não ter fim com a quantidade de afazeres domésticos e no roçado, mas é gratificante pela fartura de alimentos produzidos pela família.

Quando éramos crianças o acesso à saúde era complicado, pois era muito limitado, distante e inacessível devido aos altos custos dos médicos, especialmente para aqueles que viviam em áreas rurais, pois era longe e não havia transporte. Minha mãe ia ao médico de jumento na cidade mais próxima (Calumbi). A população tinha pouca ou nenhuma informação sobre cuidados preventivos e tratamentos adequados. As pessoas dependiam de remédios caseiros ou da medicina popular, já que as consultas médicas eram um “luxo”, tornando-se um privilégio não acessível para todos. As mulheres foram sempre detentoras desse conhecimento sobre as plantas, seus usos culturais, simbólicos e alimentícios. Esses saberes eram transmitidos de geração para geração.

Quanto aos cuidados com a saúde e uso das plantas medicinais aprendi mais com minhas irmãs e tias por ter maior convivência com elas, por serem mulheres. Eu também colaborava nos trabalhos domésticos, quando me foram repassados conhecimentos sobre o manejo das plantas. A experiência e o trato sobre assuntos específicos relacionados ao mundo feminino se dão de forma mais prazerosa entre as mulheres e, por isso, facilita a disseminação de saberes entre nós. Ademais, elas orientavam como colher as plantas, as partes que poderiam ser usadas e para que serviam, a quantidade da planta e água e como e para que poderiam ser utilizadas.

Entretanto, o meu pai, sensível e amoroso com os filhos e conhecedor do poder das plantas medicinais, quando nós tínhamos algum sintoma de doença, ele sempre pedia para minha mãe ou as outras cuidarem. Para ele, as questões de saúde de dentro de casa, eram as mulheres que resolviam e, fora de casa, era ele quem tinha protagonismo.

Essa situação vivida por minha família e minha comunidade é um exemplo concreto de medicina popular e saúde comunitária sendo colocadas em prática. De acordo com Vilar e outros (2019), a saúde comunitária através da medicina popular promove um cuidado específico

com os indivíduos na sua totalidade, levando em consideração suas origens culturais, sociais e espirituais. A combinação do uso das plantas medicinais, a reza e as parteiras têm uma relação forte com os saberes ancestrais e são exemplos da complexidade e riqueza dos cuidados tradicionais que possuem uma grande relevância ao redor do mundo. Há uma ausência ou ineficiência de políticas públicas, em especial nas zonas rurais ou periféricas das grandes cidades, em relação ao acesso à saúde que é limitado, principalmente por falta de profissionais ou alto custo que a população não consegue pagar. Por isso, essas populações buscam soluções mais acessíveis baseadas nas plantas medicinais e outras práticas. Percebe-se também uma resistência cultural pois essas práticas foram, ao longo dos tempos, marginalizadas ou impedidas pelo sistema de saúde.

Hoje na comunidade, vivem 70 famílias, de acordo com a agente de saúde que atua por aqui. Moramos no sítio da família, eu e minha irmã Joaquina, com seus 03 filhos que são Filipe, o primogênito, Flávia, a intermediária e, Renato, o mais novo. Estamos utilizando 0,5 ha da propriedade, pois é o que conseguimos cuidar com a colaboração de um diarista, já que todos estamos estudando e alguns trabalhando.

Temos também uma outra propriedade com 3,57 hectares, comprada por minha mãe, sendo que, atualmente, uma pequena parte dela está arrendada para cultivo de cultura anuais. Na parte que estamos cuidando, cultivamos grãos, como milho, feijão de corda, feijão guandu, fava, feijão de porco, mamona e macaxeira. Também criamos galinhas de ecótipos locais. Em minha relação com os animais, encontro uma conexão ainda mais profunda, seja com os galos e galinhas que acordam cedo e chamam para o trabalho, que exigem carinho e alimentação adequada ou com os cães e gatos que me acompanham na lida diária. Eles, assim como as plantas, dependem do meu cuidado e atenção, mas também me ensinaram sobre paciência e resiliência. Eles me lembram da importância de cada ser vivo no processo de cultivo e da interdependência entre todos. A conexão com os animais é um elo fundamental na manutenção do meu agroecossistema, pois eles produzem esterco que é usado na roça e, assim, as plantas produzem alimentos para eles. Cuidar deles é um aprendizado constante de respeito e zelo com a vida em todas as suas formas.

Sempre lutei por uma vida melhor no campo, buscando evitar o êxodo rural, garantindo a sucessão da minha família na agricultura, permanecendo no campo para cultivar a terra e compartilhando conhecimentos com agricultores e agricultoras. Desde cedo participei de associações, grupos de jovens e fiz trabalho voluntário na comunidade.

Com meus pais tive a base para seguir o caminho da agroecologia. Acredito que é essencial combater os impactos negativos do desmatamento, do agronegócio, do uso de agrotóxicos e da monocultura. Defendo uma agricultura sustentável e justa, que respeite o meio ambiente, os saberes tradicionais e promova a biodiversidade e a soberania alimentar. Ao longo da vida fui percebendo a relação entre as práticas de minha família com a agroecologia. Castro em suas pesquisas, enfatizou que: “pesquisa interdisciplinar aplicada à agroecologia e às plantas medicinais oferece um caminho promissor para a evolução do conhecimento, permitindo a integração de diferentes abordagens técnicas e científicas com as relações complexas entre a sociedade e a natureza” (Castro, 2024, p.04).

Escolhi o Bacharelado em Agroecologia³ da UFRPE por influência dessa trajetória de vida, que se fortaleceu em 2009, quando atuei como voluntária em organizações não-governamentais como a Adessu - Associação de Desenvolvimento Rural Sustentável Baixa Verde e o Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. Nesses espaços, conheci a militância por justiça social e ambiental e comecei a buscar soluções práticas para os desafios do campo, junto a minha família. Essa escolha foi fruto das minhas vivências no campo, do desejo de aprender mais sobre práticas agrícolas sustentáveis e da vontade de transformar a realidade rural por meio da educação e do fortalecimento das comunidades, especialmente valorizando o papel das mulheres. Castro, explica que:

Ao adotar uma perspectiva interdisciplinar, podemos explorar não apenas os aspectos técnicos da produção agrícola, mas também os impactos sociais, ambientais e econômicos das práticas agrícolas sustentáveis. Isso nos permite avançar em direção a soluções mais abrangentes e integradas para os desafios enfrentados pela agricultura moderna (Castro, 2024, p.05).

Hoje, dentro do curso, me identifico como uma camponesa comprometida com a agroecologia e com a educação popular. Meu objetivo é ser uma ponte entre o conhecimento acadêmico e as práticas do campo, promovendo a troca de saberes e ajudando a construir comunidades mais conscientes, fortes e transformadoras. Tenho o desejo de continuar preservando os saberes e práticas que os meus ancestrais me transmitiram.

Minha família está nesse chão há mais de um século. Mesmo sem muitos recursos, aprendemos a cuidar da terra e sonhar com um futuro melhor. Para mim, ser camponesa não é só uma forma de trabalho no campo, é quem eu sou. A terra me dá força, propósito e a certeza de que o que faço é importante. É aqui que estão minhas raízes e minha história.

³ O Bacharelado em Agroecologia da UFRPE foi aprovado com esse nome, mas inicialmente foi proposto com o nome Bacharelado em Agroecologia, Campesinato e Educação Popular - BACEP.

Meus pais, que estudaram apenas o Mobral - Movimento Brasileiro de Alfabetização⁴, representam uma geração que enfrentou barreiras educacionais, mas, mesmo assim, me proporcionaram o melhor possível dentro de suas limitações. Minhas irmãs do primeiro casamento de meu pai, só frequentaram o ensino primário, e isso também reflete um contexto de dificuldades, mas minha irmã que terminou o Ensino Fundamental no EJA Campo - Educação de Jovens e Adultos é um exemplo de perseverança. O irmão falecido, com o Ensino Fundamental completo, também ilustra a importância que, mesmo em circunstâncias adversas, a educação era uma meta a ser alcançada.

A minha trajetória é um reflexo de resiliência. Ao terminar o ensino médio na adolescência, enfrentei obstáculos financeiros e geográficos que dificultaram o acesso ao ensino superior. No entanto, a minha determinação nunca se apagou, pois, depois de 15 anos, tive a oportunidade de ingressar no curso técnico em Agropecuária, um passo crucial e, quase 30 anos depois da conclusão do ensino médio, estou terminando a minha graduação e iniciando uma especialização. Esse percurso é um exemplo de paciência, coragem e dedicação.

Melo, Santos e Coelho-Ferreira (2021) observam que a promoção de saúde através das plantas medicinais, as informações e conhecimentos acumulados, multi e interdisciplinares, são essenciais para que estratégias de educação em saúde sejam exploradas, sendo uma perspectiva que envolve o conhecimento popular e científico, de maneira que levem ao empoderamento das pessoas com habilidades e competências para atuar no autocuidado ou, ainda, como disseminadores/multiplicadores de informações baseadas em evidências demonstradas por pesquisas científicas.

1.1 METODOLOGIA

Neste memorial apresento minha trajetória na UFRPE, iniciada em agosto de 2021, quando ingressei no curso, até março de 2025 (final do curso). Para realizá-lo fiz a releitura de textos indicados pelos docentes, análise de trabalhos realizados no âmbito do curso, análise dos relatórios sobre as experiências vividas nos estágios e nos territórios que visitamos durante as imersões.

Também revisei minhas memórias sobre o uso de plantas medicinais e os conhecimentos aprendidos com as mulheres da minha família, e tive conversas com minha irmã

⁴ O Mobral era um programa de alfabetização de adultos criado nos anos 1960, após o golpe militar, que substituiu o Plano Nacional de Alfabetização (PNA), idealizado por Paulo Freire no início dos anos 60 do século XX.

a este respeito. Além disso, realizei uma pesquisa com 05 mulheres agricultoras de minha família e da comunidade Santana dos Guerras, Santa Cruz da Baixa Verde, usando um roteiro de entrevista (Apêndice I) sobre o uso das plantas medicinais.

A ideia de realização desta pesquisa surgiu durante o Estágio Supervisionado Obrigatório I - ESO I, realizado na Associação Agrodóia, em Exú/PE, com a participação de minha supervisora Silvanete Lermen⁵ e minha colega Lara Rebonato. A ideia é sistematizar os conhecimentos tradicionais das mulheres sobre plantas medicinais antes que se percam. O roteiro começou a ser construído durante o próprio ESO e foi aperfeiçoado por mim posteriormente.

As mulheres que participaram dessa pesquisa são: Maria Barbosa, de 76 anos; minha irmã Joaquina Maria de Lima, 48 anos; minha prima de segundo grau, Francisca Gertrudes da Silva, de 76 anos e Maria Alves, de 76 anos e sua filha Eliane Alves, de 54 anos (que tem como apelidos, Caetana e Dinha). Elas foram escolhidas porque são mulheres do meu convívio familiar e religioso e são referência na comunidade pela sua sabedoria no uso das plantas.

O trabalho de campo junto às mulheres foi complementado com transectos ou caminhadas transversais⁶ nos 05 quintais respectivos para observar as plantas medicinais existentes. As mulheres trouxeram explicações valiosas sobre as plantas utilizadas e a consciência geracional quanto a importância do uso das plantas medicinais, considerando suas histórias de vida e como se sentem parte daquele lugar.

Este trabalho de campo possibilitou a construção de uma tabela com informações sobre as plantas usadas, cultivadas ou coletadas, exóticas ou nativas, os nomes científicos e populares, seus usos, as partes das plantas usadas, o ambiente em que ocorrem e as contra indicações. O intuito será futuramente sistematizar esses conhecimentos em uma cartilha, para que as informações não se percam ao longo do tempo.

Quanto à identidade das pessoas citadas neste memorial, tive a autorização de uso da imagem e citação do nome das mulheres adultas de minha comunidade e das mulheres agricultoras presentes nas comunidades onde realizei os estágios supervisionados obrigatórios. Sobre a imagem de meu sobrinho menor de idade usada na Figura 1, foi pedida uma autorização

⁵ Durante o estágio, tive a oportunidade de entrevistar minha supervisora sobre aspectos associados à medicina popular, abordando temas como o uso de plantas medicinais, o conhecimento tradicional transmitido pelas gerações anteriores e a importância dessa prática no contexto da comunidade com o objetivo da sistematização de uma cartilha.

⁶ Transectos ou caminhadas transversais são trajetos realizados no agroecossistema para fazer observações e coletar dados sobre o meio ambiente, a vegetação, os cultivos e criações, entre outros.

formal à sua mãe, como pode ser visto no Apêndice II. Considero importante que os nomes das mulheres sejam mencionados, para que os conhecimentos compartilhados sejam reconhecidos e para que, mais uma vez, as agricultoras não sejam invisibilizadas.

Considero que este Memorial revela a importância dos saberes das mulheres sobre as plantas medicinais, tendo a etnociência como uma referência. Miguel Altieri “considera que o estudo com base na etnociência, inclusive das estratégias agrícolas das agriculturas tradicionais, deve se constituir no sustentáculo da agroecologia” (Altieri, 2001, p.31).

2. LINHA DO TEMPO - PRINCIPAIS FATOS DA MINHA BIOGRAFIA ACADÊMICA

A seguir, apresentarei os principais fatos identificados na minha biografia que tem relação com a minha vida acadêmica, e que aconteceram antes e depois do BACEP, apresentando o período em que aconteceram, os/as sujeitos/as e as instituições envolvidas. Como poderemos ver, a minha vida teve altos e baixos, mas sempre foi permeada pela busca de direitos. Apresentarei alguns aspectos que aconteceram antes da chegada no curso, pois foram determinantes neste caminhar.

No ano de 1995 concluí o ensino médio na cidade de Santa Cruz da Baixa Verde, na Escola Regina Pacis. Após concluir os estudos, fui para São Paulo em busca de uma vida melhor, porque tinha a ilusão de conseguir um emprego e, com ele, ter uma melhor qualidade de vida, além de ajudar meus pais financeiramente.

Passei dois anos trabalhando em uma lavanderia que oferecia um serviço especializado para restaurantes e churrascarias e, em seguida, trabalhei quatro anos e meio em uma casa de família. Embora fosse muito bem acolhida pela família, havia momentos em que me sentia sozinha durante o dia. Todos saíam cedo para o trabalho e só retornavam à noite, deixando-me com a sensação de vazio, mesmo sabendo que estava cercada de carinho.

Decidi retornar a Pernambuco para cuidar dos meus pais, que estavam idosos e naquele mesmo ano, aconteceu a trágica perda do meu irmão em um acidente. Essa decisão me trouxe novos desafios e oportunidades, contribuindo para meu crescimento pessoal e profissional.

Em 2008 conheci a organização não-governamental de extensão rural Adessu como voluntária no Conselho Gestor, participando de reuniões para contribuir com a articulação e desenvolvimento das atividades voltadas para crianças e adolescentes cadastrados no Projeto de Apoio ao Desenvolvimento Rural Sustentável da Serra da Baixa Verde, financiado pela KNH

(Kinder Not Hilfe)⁷. Nesse papel, participei de atividades relacionadas aos direitos e deveres das crianças e adolescentes e adquiri conhecimentos sobre os cuidados com o meio ambiente, destino do lixo, agrofloresta, entre outros. Além disso, atuei como voluntária no projeto Fundo Rotativo Solidário da organização Centro Sabiá, que visava ajudar famílias a receberem recursos para a compra de caprinos, ovinos, aves e infraestrutura. Meu compromisso era organizar as compras dos animais, realizar visitas mensais para verificar a sanidade e os cuidados com a alimentação dos animais e organizar o repasse, depois de 1 ano e 06 meses, dos recursos para outras famílias da comunidade. Quando todas as famílias eram contempladas, o projeto direcionava o apoio para outras comunidades assistidas pelo Centro Sabiá.

Em 2009 eu e mais dois jovens fomos despertados para a importância de uma comunidade organizada formalmente e fundamos a associação dos moradores com o objetivo de acessar as políticas públicas voltadas para o desenvolvimento rural. Fizemos a gestão por três mandatos e depois nos afastamos para estudar e trabalhar, pois não foi possível conciliar.

Neste ano, fundamos o grupo de jovens, e fomos beneficiados com um projeto para a formação na produção de artesanato com recursos provenientes do bioma Caatinga, para geração de renda.

Nos anos de 2010-2012 fiz o curso técnico em Agropecuária na Escola Técnica Estadual Clóvis Nogueira Alves em Serra Talhada/PE, uma oportunidade de formação que, embora fosse valiosa, não atendia completamente às minhas expectativas. Ao longo do curso, encontrei algumas contradições em relação aos meus valores, pois, naquela época, a preocupação com a preservação ambiental e o bem-estar animal ainda não eram tão enfatizados no currículo do curso, o que me incomodava. Lembro-me, por exemplo, da exigência de realizar práticas como a *mossa*⁸ em suínos e a castração de caprinos com o uso do *burdizzo*⁹, que não condizem com as ideias que eu tinha sobre cuidados éticos com os animais.

A busca pelo ensino superior pode ser adiada, mas nunca abandonada. Sempre há alternativas e possibilidades de conciliar o cuidado com a família e a busca pelo conhecimento. É preciso encontrar um equilíbrio e continuar sonhando, mesmo que o caminho pareça difícil. A perseverança e a determinação sempre nos levam aonde desejamos chegar. Cuidar dos nossos

⁷ KNH (Kinder Not Hilfer (tradução livre - Ajude uma Criança que Necessite) é uma organização da cooperação internacional alemã.

⁸ Mossa é uma forma de identificação de suínos utilizada em granjas comerciais através de sinais (piques) nas orelhas dos mesmos.

⁹ *Burdizzo* é um alicate utilizado para castração de caprinos, um tipo de ferramenta não cirúrgica, que interrompe a circulação de sangue para os testículos, sem romper a pele do escroto.

entes queridos, especialmente quando são nossos pais idosos, é uma responsabilidade que muitas vezes nos impede de seguir nossos próprios sonhos. Mas, mesmo diante dessas dificuldades, é importante encontrar maneiras de conciliar as responsabilidades familiares com nossos objetivos pessoais. Às vezes, a vida nos apresenta desafios inesperados que nos impedem de seguir exatamente o caminho que imaginamos.

No ano de 2013 fiz parte do Comissão de Jovens Multiplicadores da Agroecologia (CJMA), um projeto de Juventude executado pelas ONGs Diaconia, Centro Sabiá e Caatinga. Nesta época, tive a oportunidade de ser assessorada pelo Centro Sabiá, dentro do projeto Juventude, Arte e Cultura (JAC). O projeto tinha como principal objetivo proporcionar formação aos jovens na coleta de materiais naturais provenientes da caatinga, na produção de artesanatos e na comercialização desses produtos. A ideia era promover geração de renda por meio da produção local, ao mesmo tempo que buscava coibir o êxodo rural, incentivando os jovens a permanecerem nas suas comunidades.

Durante minha participação, fui monitora do projeto e, com o tempo, conquistei uma vaga na universidade para cursar Agronomia. Quando isso aconteceu, assumi a vaga de monitora por alguns meses, até que a técnica responsável pelo projeto engravidou e foi tirar licença-maternidade. Nesse momento, assumi suas funções, dando continuidade ao trabalho que estava sendo realizado e garantindo o apoio necessário ao projeto e às comunidades assessoradas nos municípios de Santa Cruz da Baixa Verde e Triunfo, PE.

Em 2014 participei da construção da cartilha da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) feita em parceria com o Centro Sabiá sobre Convivência com semiárido e Fitoterapia Animal: tradição e ciência na criação Agroecológica de animais.

Ainda assim, no ano de 2014 durante a execução do Projeto de ATER - Assistência Técnica e Extensão Rural em Agroecologia, realizado pelo Centro Sabiá e cedida para a Adessu, vivi momentos que marcaram profundamente minha trajetória de aprendizado e vivência prática. Esse projeto foi uma oportunidade única de integrar teoria e prática, além de me proporcionar experiências transformadoras. O projeto tinha como foco o fortalecimento das práticas agroecológicas e a promoção da sustentabilidade nas comunidades rurais. Tive a chance de trabalhar diretamente com famílias agricultoras associadas da Adessu e com famílias com crianças cadastradas na organização KNH, promovendo ações educativas e práticas que incentivam a adoção de técnicas agroecológicas e o uso sustentável dos recursos naturais.

O projeto dedicava 30% das atividades especificamente para as mulheres, reconhecendo sua importância no processo de transformação social e na gestão das atividades agroecológicas

nas comunidades e isso foi um dos aspectos mais enriquecedores dessa experiência, pois me permitiu viver momentos transformadores, já que pude aprender diretamente com elas sobre a força, a dedicação e o empoderamento que elas exercem dentro de suas famílias e na comunidade. A participação ativa dessas mulheres nas atividades, que iam desde a gestão da horta até o manejo sustentável da terra, foi fundamental para que pudéssemos perceber o impacto positivo que as práticas agroecológicas tinham no cotidiano dessas famílias.

As dinâmicas de trabalho com as duas instituições – o Centro Sabiá e a Adessu – foram de grande aprendizado para mim. Realizamos atividades que envolviam capacitação, troca de saberes e tecnologias sociais. Essas interações foram de grande valor, pois não só fortalecem as práticas agroecológicas, mas também promoviam a integração comunitária e o empoderamento coletivo. A experiência de trabalhar lado a lado com as famílias, especialmente com as mulheres, fez com que eu crescesse, tanto pessoal quanto profissionalmente.

Além disso, o projeto trouxe a oportunidade de vivenciar a realidade das comunidades rurais, com desafios, conquistas e muitas aprendizagens sobre como a agroecologia pode transformar a vida das pessoas. Esses momentos de imersão nas práticas agroecológicas, junto às mulheres e famílias que já possuíam uma grande sabedoria ancestral, foram verdadeiramente marcantes.

Fui capacitada como agente de ATER, o que me permitiu ter habilidades práticas, como a elaboração do Cadastro Ambiental Rural (CAR) e a oferta de assessoria técnica, sempre respeitando a realidade e os desejos de cada uma das mulheres que participei. As oficinas que realizamos também foram momentos de grande aprendizado, pois me permitiram entender melhor as necessidades e o potencial de cada mulher, além de trocar experiências fantásticas que marcaram profundamente minha trajetória.

Durante o projeto de ATER em Agroecologia, foi realizada uma atividade para as agricultoras e técnicas com o nome Escola Feminista promovida pela Casa da Mulher do Nordeste que é uma organização não governamental - ONG feminista que atua na região do Sertão do Pajeú.

Nessas atividades eu e as mulheres pudemos entender melhor sobre o machismo, o patriarcado, a divisão justa do trabalho doméstico, entre outras. Muitas que participaram puderam conhecer seus direitos, tomaram consciência sobre o próprio corpo e não se calaram diante das agressões que sofriam diariamente em suas vidas. Muitas delas não tinham esse conhecimento e começaram a colocar em prática os aprendizados adquiridos, a exemplo a divisão justa do trabalho doméstico.

Nos anos de 2017 e 2018, pararam as Chamadas públicas de Ater realizadas pelo governo federal e, com isso, em 2017 parei de trabalhar na ONG Centro Sabiá, pois as instituições que trabalham com financiamento público foram afetadas depois do *impeachment* da Presidente Dilma, devido aos cortes no recurso para os projetos.

Neste período meus pais faleceram, e foram dois anos cruciais para minha vida. Meu pai era muito idoso e, mesmo sendo forte e lúcido, surgiu uma doença e ele foi embora em pouco tempo. Ele tinha muita vontade de viver pois pediu até para eu fazer uma promessa à Nossa Senhora Aparecida para ela não morrer. Após a partida dele, minha mãe foi ficando muito fraca, e depois de um 01 e 4 meses, eu tive que me despedir dela também.

No ano de 2020 executei o projeto de Reuso de Águas Cinzas (RAC/SAF) do Centro Sabiá que foi idealizado alguns anos atrás a partir de relatos de famílias atendidas pelo Fundo Rotativo Solidário (FRS) que destacaram a importância do estoque de forragem para o período de estiagem já que muitos animais sofriam emagrecimento, morriam ou eram vendidos a preços baixos. A partir de um diagnóstico, foram selecionadas as famílias e feita a implementação de tecnologias como sistemas de irrigação, construção de filtros para reaproveitamento de águas cinzas (antes descartadas e poluindo o solo) e a criação de agroflorestas focadas em forrageiras consorciadas com outras plantas. O objetivo era garantir que os beneficiários se apropriassem dessas tecnologias, assegurando a continuidade do trabalho após a saída da assessoria. O projeto foi implantado em vários municípios (Triunfo, Santa Cruz da Baixa Verde, Itapetim, Flores e Calumbi) e incluiu capacitações sobre silagem e intercâmbios para troca de experiências bem sucedidas.

Depois dessa temporada, no segundo semestre de 2021 estava trabalhando no projeto de Reuso de Águas Cinzas, RAC/SAF, executado pelo Centro Sabiá e financiado pela Cáritas Alemã, quando decidi me inscrever no processo seletivo do Bacharelado em Agroecologia da UFRPE e fui aprovada¹⁰. O curso funciona em regime de alternância, integrando atividades nas Vivências Universidade (VU), uma ou duas semanas ao mês, e as outras duas ou três semanas de Vivências Realidade Campo (VRCs). As VRCs consistem em momentos para se colocar em prática os aprendizados no agroecossistema próprio ou adotado. Além disso, o curso conta com momentos de Imersão, quando realizamos visitas à experiências exitosas no território dos estudantes e em outros territórios de Pernambuco ou outras regiões do Nordeste, quando vivenciamos experiências práticas e enriquecedoras. Tem também as Culminâncias, que são

¹⁰ De acordo com o calendário acadêmico da UFRPE, este era o semestre 2020.2 e não o semestre civil 2021.2. Esse descompasso entre o calendário acadêmico e o calendário civil aconteceu em função da COVID 19.

momentos de apresentar os aprendizados adquiridos durante o período de forma lúdica, seja como novela, programa de rádio, teatro, poemas e entre outras. Essa estrutura favorece um aprendizado contínuo e aprofundado conectando a teoria com a prática (UFRPE, 2023).

Por isso, surgiu um dilema: conciliar o trabalho com os estudos pois, uma vez por mês, seria necessário me ausentar das atividades profissionais para assistir às aulas, pois o curso funciona em regime de alternância. Então, conversei com a coordenação pedagógica da instituição para verificar se seria possível conciliar o trabalho com os estudos, e com grande compreensão, eles me deram a autorização para tentar equilibrar as duas atividades.

Sob essa ótica, foi na verdade um desafio, pois além do trabalho no projeto, ainda havia as atividades de vivência no campo, o que tornou esse período bastante complicado. O início das aulas coincidiu com o período da pandemia de COVID-19, o que trouxe outras dificuldades significativas para os estudos. A chegada do ensino remoto ocorreu de forma abrupta, sem preparação adequada, o que afetou estudantes e professores. No meu caso, enfrentava dificuldades técnicas, como a impossibilidade de abrir áudio e câmera do celular devido à falta de internet de qualidade na minha casa, localizada na zona rural.

Estudos demonstram que a desigualdade social e educacional se agravou neste período, principalmente em áreas vulneráveis, dificultando o aprendizado e a falta de um ambiente adequado para estudar em casa prejudicou o desempenho de muitos. O estresse e a ansiedade gerados pela pandemia afetaram minha concentração, e a falta de interação social contribuiu para a queda na motivação. Os desafios pedagógicos também foram grandes, com a adaptação das aulas para o formato remoto, especialmente em componentes curriculares que exigem práticas presenciais. Foi uma fase cheia de dificuldades, mas também de aprendizado intenso, onde o esforço para conciliar tudo se tornou uma experiência transformadora.

À partir daqui, apresentarei os componentes curriculares e algumas temáticas do BACEP que foram mais significativas e contribuíram para aperfeiçoar os meus aprendizados.

No primeiro período, cursei o componente curricular “Conhecer o etnoagroecossistema”. Na Figura 3 temos o mapa do meu território do Sertão do Pajeú, feito no âmbito desse componente, onde eu mapeei as associações existentes na região, as experiências agroecológicas (agroflorestas, etc), políticas públicas de acesso à água, assessoria, etc.

Figura 3 – Território do Sertão do Pajeú



Fonte: Autoria própria (2022);

No 2º período cursei o componente curricular “Diagnosticar o etnoagroecossistema”, onde tivemos a temática de Ciclos, com a prof.^a Lourinalda Silva, que me despertou uma memória que estava adormecida pela falta da prática com os usos das plantas medicinais e pela sua importância para a preservação das espécies e dos saberes de nossos ancestrais. Esses conhecimentos, muitas vezes, foram impedidos de se espalhar, seja por medo, seja pela vergonha e falta de confiança na medicina popular e a pressão do sistema convencional de saúde, que desconsidera e até, marginaliza os saberes tradicionais sobre as plantas medicinais.

Nas aulas, tivemos a oportunidade de conhecer as plantas de forma mais profunda, tanto na sua dimensão física e biológica, quanto no seu poder curativo. Fizemos uma prática significativa com as plantas que estavam ao nosso alcance dentro do território estudado. A atividade de desidratação das plantas nos permitiu criar um herbário, conhecendo as espécies com todas as suas características e informações relevantes para estudos futuros. Esse processo teve um valor imenso, pois ao conservar as plantas e seus usos, estamos, na verdade, buscando

evitar a extinção dessas espécies e, ao mesmo tempo, preservar o conhecimento ancestral que pode ser crucial para o futuro.

No início do segundo semestre de 2022 foi o retorno das aulas presenciais pós pandemia, com uma Vivência Universidade (VU). Com relação ao componente curricular “Planejamento do etnoagroecossistema” no 3º período – tivemos a temática dos Sistemas de Manejo Animal, com o profº. Felipe Jalfim onde conhecemos a origem dos animais que foram domesticados em outros países e trazidos na época da colonização para servir de sustento para a população. Os animais se adaptaram no Brasil, mas enfrentaram alguns desafios como, por exemplo, o espaço e a infraestrutura para que eles pudessem expressar seus comportamentos, aspecto crucial para que possam viver de maneira natural e saudável, não afetando a produção e comprometendo os alimentos gerados.

Neste período também tive a oportunidade de desenhar o meu agroecossistema atual e planejar como ele poderia ser nos próximos cinco anos. O objetivo era projetar um agroecossistema sustentável, equilibrado e que considerasse a minha realidade local ao mesmo tempo em que respeitasse os princípios da agroecologia.

Consideramos que a Agroecologia defendida por Gliessman (2000), como uma nova abordagem da agricultura e do desenvolvimento agrícola que promove reflexões sobre aspectos da conservação de recursos da agricultura tradicional local e, por outro lado e ao mesmo tempo, inclui conhecimentos e métodos ecológicos modernos.

No meu caso, o foco foi ampliar a infraestrutura para a criação de galinhas e suínos, visando garantir que esses animais preservassem seu comportamento natural, como se estivessem em seu habitat original. Outra parte do plano foi aumentar o número de plantas frutíferas e forrageiras, promovendo a diversificação da produção e a segurança alimentar para a família. Também incluí o reflorestamento das matas ciliares, um passo essencial para a preservação da biodiversidade local e para o controle da qualidade da água.

Durante a imersão realizada com a turma e professores deste período no Sertão do Pajeú, fizemos uma visita ao meu sítio, onde tivemos a oportunidade de vivenciar coletivamente e na prática sobre a temática da Agrobiodiversidade presente em um agroecossistema familiar. Com a presença dos docentes e discentes desenhamos e analisamos os subsistemas, como criação de animais, roçado, quintal e pousio, e como cada um interage formando o todo, o que é fundamental para promover os caminhos para a sustentabilidade. Através de um levantamento detalhado de espécies vegetais durante uma das Vivência Realidade Campo (VRCs) foram identificadas 72 diferentes espécies, demonstrando a riqueza que um agroecossistema familiar

pode oferecer. Os agroecossistemas são áreas de paisagem natural transformadas pelos seres humanos com o fim de produzir alimento, fibras e outras matérias primas. Uma das características é a predominância de espécies de interesse humano e uma organização espacial que estrutura e facilita o trabalho de produção, segundo Kátia Marzall (2007).

A partir do final 2022 comecei a realizar várias “atividades complementares ou autônomas”¹¹ orientadas pela Prof^a Lourinalda Silva da UAST/UFRPE, em assentamentos com as mulheres e no Centro de Educação Ambiental (CEA), do SESC (Serviço Social do Comércio) em Serra Talhada. O CEA é um espaço que busca promover a educação ambiental e o conhecimento das tecnologias sociais e que tem como objetivo a criação de um jardim botânico, que foi iniciado com o plantio de 400 mudas de espécies nativas da Caatinga. Entre as iniciativas implementadas, destaco a introdução de várias práticas sustentáveis e educativas, como aquaponia com a criação de tilápias e galinhas, manejo de horta em mandala, viveiros de mudas, minhocário, cisterna de 16 mil litros e a criação de abelhas sem ferrão. Estes últimos permitiram que os visitantes em geral aprendessem sobre a importância da preservação das abelhas e da polinização, o manejo de resíduos e a conservação da água, essenciais para a região semiárida. As atividades realizadas no CEA não eram restritas ao espaço do assentamento. O centro recebe visitas de pessoas de todas as faixas etárias, incluindo escolas, universidades e grupos de diversas etnias. O projeto também fazia parcerias com outros espaços do município, ampliando a troca de saberes e fortalecendo a rede de conhecimento.

Uma das tecnologias implantadas foi o Relógio Biológico do Corpo Humano (Figuras 4, 5, 6 e 7) que tem como objetivo reavivar os conhecimentos tradicionais dos nossos ancestrais com o uso das plantas medicinais que, ao longo do tempo, foram apagadas das memórias ou substituídas pela dependência do uso dos medicamentos alopáticos. Nessa tecnologia podem ser reaproveitados materiais que temos disponíveis na área, como restos de madeiras provenientes de podas, tijolas e telhas, até garrafa *pet*. Proveniente dos conhecimentos da China e mesclado com os conhecimentos indígenas, o Relógio foi, difundido na região Sul com as espécies que existem naquele território. Posteriormente, foi adaptado para o Sertão Pernambucano, a partir dos conhecimentos das agricultoras e seus filhos sobre o cuidado com determinadas doenças. A cada 02 horas, o Relógio é dividido em um órgão e nele são plantadas

¹¹ Atividades complementares são atividades acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão sobre temas relativos à Agroecologia, Campesinato e Educação Popular, relevantes para a formação do bacharel. São atividades escolhidas pelos/as estudantes e tem como finalidade propiciar saberes e habilidades que enriqueçam o processo de ensino-aprendizagem, possibilitando a ampliação dos conhecimentos didáticos, curriculares, científicos e culturais. Também tem a finalidade de propiciar que os/as estudantes aprofundem seus conhecimentos, por meio de atividades realizadas dentro e fora da Universidade (UFRPE, 2023).

ervas que correspondem aos seus cuidados. Por exemplo, o horário de funcionamento da bexiga é das 15h às 17h. É nesse intervalo que este órgão absorve melhor o chá das raízes de quebra-pedra. Esses diálogos de saberes e práticas fortalecem o uso racional das plantas medicinais evitando a sua utilização em horários inadequados e, com isso, os efeitos tóxicos. O Relógio também reúne uma diversidade de saberes, práticas e plantas medicinais em um só lugar, de forma acessível para todas as pessoas das comunidades (Velloso e outros, 2005).

Figura 4 - 1º Relógio Biológico do Corpo Humano implantado no CEA/SESC Serra Talhada, 2022



Fonte: Autoria própria (2022);

Figura 5 - Relógio Biológico do Corpo Humano implantado no Assentamento João Pedro



Fonte: Autoria própria (janeiro, 2024);

Figura 6 - Relógio Biológico do Corpo Humano implantado no meu agroecossistema, Santa Cruz da Baixa Verde, 2023



Fonte: Autoria própria (2023);

Figura 7 - Implantação de um Relógio Biológico do Corpo Humano durante a Jornada do Dia da Terra, UFRPE/UAST - 2024



Fonte: Autoria própria (abril, 2024);

Figura 8 Relógio Biológico do Corpo Humano 01 ano depois da UAST/UFRPE - 2025



Fonte: Autoria própria (2025);

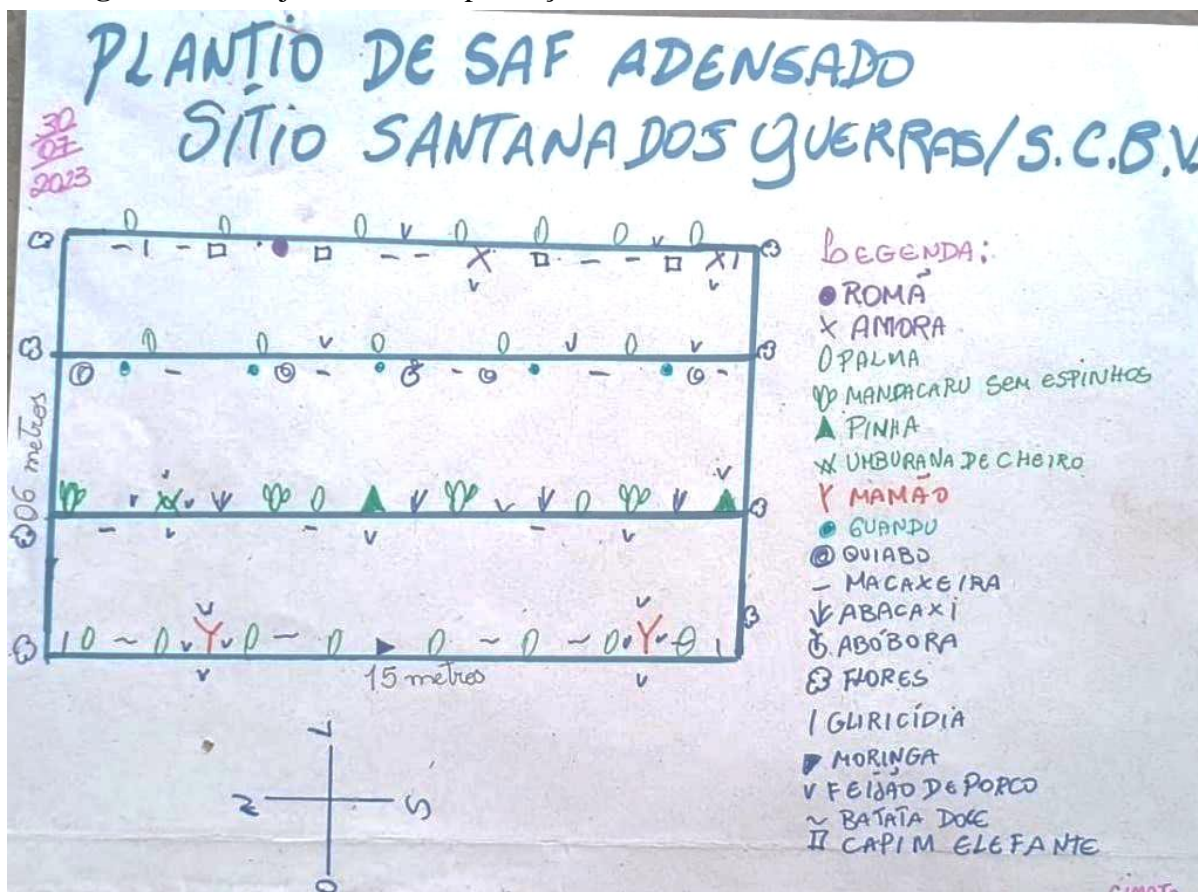
O projeto foi de grande importância, pois contribuiu para a melhoria da qualidade de vida das mulheres assentadas, oferecendo-lhes alternativas sustentáveis e acessíveis para o manejo da terra e da água e para uma saúde integral. Ao mesmo tempo, promoveu a conscientização ambiental, educando as comunidades sobre práticas que ajudam a preservar o meio ambiente, melhorar a segurança alimentar e garantir o uso racional dos recursos naturais, tendo em vista que, “a construção do conhecimento científico de forma articulada com o conhecimento tradicional é de fundamental importância no contexto da produção e utilização de plantas medicinais” (Borsato e outros, 2009, p.44).

Além disso, ao envolver as mulheres na gestão e desenvolvimento dessas iniciativas, o projeto fortaleceu a autonomia e o empoderamento delas, proporcionando uma plataforma para que pudessem compartilhar e aplicar seus conhecimentos na comunidade. Sem contar que, as parcerias com escolas e universidades ampliaram o impacto do projeto, permitindo que o aprendizado chegasse a mais pessoas, criando uma rede de multiplicadores de práticas sustentáveis e solidárias.

Essa experiência extraclasse foi fundamental para a minha formação, pois me permitiu aplicar os conceitos aprendidos em sala de aula em um contexto real, desenvolvendo habilidades práticas e colaborativas. Além disso, o contato direto com o Assentamento me proporcionou uma compreensão mais profunda das questões sociais e culturais, enriquecendo meu aprendizado e preparando-me melhor para atuar de forma mais consciente e eficaz no futuro.

No 5o período (“Atuação no etnoagroecossistema”) uma das iniciativas mais marcantes foi a implantação de um sistema agroflorestal (SAF) adensado¹² no meu agroecossistema, com uma área de 15 metros de comprimento por 6 metros de largura (90 m²), sendo bastante diversificado, com várias espécies nativas, frutíferas e culturas anuais. Esse SAF visa, além de diversificar a produção, restaurar a fertilidade do solo, produzir alimentação das galinhas e aumentar a resiliência do sistema agroecológico. Nas figuras abaixo temos o croqui, com o planejamento da implantação do SAF e imagens do antes e depois da área ocupada (Figuras 8, 9 e 10).

Figura 8 - Planejamento da implantação do SAF no Sítio Santana dos Guerras, 2023



Fonte: Elaboração própria (2023);

Na Figura 9 vemos uma imagem do dia em que o SAF foi implantado. Na área praticamente limpa, vemos somente um pé de mandacaru e uma amoreira, além das linhas recém plantadas de mandacaru sem espinhos, abacaxi, estaca de seriguela, uma muda de umburana de cheiro e palmas. Também foram plantadas nessa área, guandu e milho, outras

¹² O plantio adensado em sistemas agroflorestais possibilita uma melhor ocupação dos espaços do sistema de produção, diferentemente dos monocultivos em que os espaços não são totalmente ocupados pelas culturas de valor econômico.

frutíferas, flores e plantas forrageiras, etc, tal como planejado (Figura 9). Na Figura 10 temos uma visão após 1 ano, no mês de julho. Percebe-se que o SAF está desenvolvido e a área bastante ocupada pela vegetação. Dali já foi colhido amora, milho, guandu, seriguela, feijão de porco, abóbora, girassol e etc.

Figura 9 - O dia da implantação do SAF



Fonte: Autoria própria (2024)

Figura 10 - O SAF 01 ano depois do plantio



Fonte: Autoria própria (2024)

Nesse mesmo período, tivemos aulas temáticas com a professora Laura Duque que nos trouxe reflexões profundas sobre as questões de gênero e agroecologia, em especial, o empoderamento feminino. As discussões abordaram a garantia de direitos das mulheres, a valorização do trabalho delas, a divisão das tarefas e a importância do cuidado com os filhos. Ademais, foi um momento de grande aprendizado, pois nos fez refletir sobre a necessidade de reconhecimento do trabalho das mulheres, tanto no campo, quanto nas suas casas, além de

destacar a importância de respeitar o espaço delas. Essas aulas também abriram um debate importante sobre conflitos de gênero, especialmente quando abordamos como os homens muitas vezes se sentem ameaçados quando suas vontades não são atendidas ou quando percebem que as mulheres estão ocupando espaços que antes eram vistos como exclusivamente masculinos. Essas dinâmicas geram conflitos, mas também abrem espaço para a humanização das relações, com um foco na construção de uma sociedade mais igualitária e respeitosa.

Neste período realizamos uma Imersão na Área Indígena Xukuru, em Pesqueira-PE e tivemos a oportunidade de vivenciar e aprender de forma profunda sobre a rica cultura dessa etnia. Fomos acolhidos pela comunidade e passamos a entender de perto suas práticas e conhecimentos tradicionais. Uma das experiências mais marcantes foram os aprendizados sobre os fitoterápicos utilizados pelos Xukurus, preparados especialmente com plantas da Caatinga, que possuem propriedades medicinais fundamentais para a saúde e bem-estar da comunidade. Tivemos a chance de aprender com eles sobre os usos dessas plantas, entendendo a relação simbiótica entre o povo e o ambiente natural. Além disso, tivemos a oportunidade de conhecer os artesanatos produzidos pelas mulheres Xukurus, que são expressões de sua cultura e tradição. Cada peça carrega um significado profundo e é feita com técnicas passadas de geração em geração, refletindo a identidade e a conexão com a terra. Uma das atividades práticas foi o plantio de mudas nativas, uma ação que reforça a importância da preservação do meio ambiente e da biodiversidade local. A plantação das mudas foi um gesto simbólico de respeito à natureza, realizado em conjunto com a comunidade.

Participamos também de uma oficina de beneficiamento da planta bananeira e do fruto, onde aprendemos como aproveitar ao máximo os recursos da planta, não apenas o fruto, mas também as partes que, muitas vezes, são descartadas. Na Figura 11, podemos ver a diversidade de pratos produzidos a partir da bananeira.

Figura 11 - Prática de beneficiamento da bananeira - Território Xukuru



Fonte: Aatoria própria (2023)

Esse aprendizado foi fundamental para entender o uso sustentável dos recursos naturais já que na área indígena tem muito a cultura da banana. As histórias e mitos contados pelos anciãos da área indígena são uma forma de transmissão de saberes e preservação da memória histórica do povo Xukuru. Durante a imersão, também ouvimos a história do povo e sobre os encantados, seres espirituais que, segundo a tradição Xukuru, estão profundamente ligados à terra e às práticas culturais. Essa imersão foi uma vivência enriquecedora, pois nos proporcionou um contato direto com os saberes ancestrais e com a visão de mundo dos Xukurus, permitindo uma troca de conhecimentos e uma reflexão sobre como esses saberes podem ser aplicados para a preservação ambiental e o fortalecimento das culturas tradicionais.

3. AS PLANTAS MEDICINAIS USADAS NOS CUIDADOS DA SAÚDE NA COMUNIDADE SANTANA DOS GUERRAS

As plantas medicinais sempre desempenharam um papel importante para a saúde da comunidade de Santana dos Guerras, onde nasci. Aprendi cedo, com minha mãe e minhas tias, o valor de plantar, cuidar e colher. Esses ensinamentos não vieram de livros, mas do dia a dia no campo, do trabalho árduo e da sabedoria transmitida por gerações. Lembro das tardes quentes, quando minha tia me ensinava sobre as plantas do quintal. Cada folha tinha um uso, cada raiz um propósito – remédios, chás, temperos. Algumas plantas nativas e exóticas eram usadas para curar, além de aliviar sintomas e proteger de males espirituais e tinham um maior significado naquele tempo, como veremos mais adiante. Na seca, quando a chuva tardava, a gente andava até os riachos mais próximos para buscar água, garantindo que as plantas não secassem. Era difícil, mas necessário, e a cada colheita sentíamos que tudo valia a pena.

Na comunidade, as mulheres sempre foram o alicerce. A gente se ajuda como pode, trocando mudas, receitas e conselhos. Aqui, nenhuma está sozinha. Esse apoio é o que torna a rotina mais leve e o trabalho mais significativo.

A seguir, apresentarei a história de 5 mulheres da Comunidade Santana dos Guerras e sua relação com as plantas e com a saúde.

3.1 MARIA E O FARMACÊUTICO QUE GOSTAVA DE PLANTAS MEDICINAIS

Maria (Figura 12) nasceu em 29 de setembro de 1947, no território do Sertão do Pajeú. Ela cresceu em um ambiente rural, onde a vida cotidiana envolvia tarefas simples, mas duras. Casou-se aos 22 anos, em 1969, e teve oito filhos, todos nascidos em casa, com o apoio de uma

parteira que trouxe boa parte daquelas crianças ao mundo naquela época. Sua mãe, embora não soubesse fazer partos, cuidava das crianças. Maria lembra com carinho das atividades da infância e da juventude, como o plantio de alimentos essenciais para a subsistência, como guandu, fava, milho, além de algodão e mamona para vários usos, inclusive medicinais. Ela também carregava água na cabeça, já que não havia armazenamento de água em sua casa, e usava os potes produzidos de barro e de zinco, para beber e cozinhar.

Figura 12 - Maria Alves em sua residência sendo entrevistada



Fonte: Autoria própria (2025);

A escolaridade de Maria foi limitada. Ela chegou apenas à quarta série, e sabia apenas assinar seu nome, pois os cuidados de mãe e o trabalho na roça a impediram de continuar seus estudos. Só um dos seus filhos, conseguiu concluir o ensino médio. A filha mais nova teve oportunidade de estudar, mas não conseguiu se desenvolver na escola.

Quanto à religiosidade, Maria praticava os terços, pois as missas só aconteciam em Triunfo, que ficava a cerca de 22 km de distância. Sua mãe não a deixava ir sozinha até lá. Com

o tempo ela foi esquecendo as orações, devido à falta de prática. Ela também rezava em mau olhado ou quebranto¹³, dor de cabeça e ventos caídos¹⁴.

Na vida de Maria, os cuidados com a saúde sempre foram feitos com as plantas da natureza ao redor. Nos tempos antigos, os únicos medicamentos mais acessíveis eram o Melhoral, a AAS e a Cibalena. Por isso, Maria faz questão de lembrar dos remédios caseiros usados em sua comunidade. Sua mãe preparava muitos chás e ela também utilizava plantas medicinais. Ela comenta que o chá de folhas de pinha, embora tóxico, é bom para a digestão, e o mussambê é eficaz para febre. Para diarreia, fazia um cozimento com a raiz de pega-pinto e adicionava sal ou açúcar para dar às crianças. Se alguém sentisse dor de ouvido, usava malva grossa, arruda ou alecrim, amassados e aplicados com o auxílio de um algodão no ouvido.

Quando alguém precisava de algum remédio, como o caso de seu vizinho que lhe pediu que fosse buscar plantas na mata, Maria contava com a ajuda de outros moradores.

gosta de lembrar de um único farmacêutico, Seu Olímpio, que conheceu quando um filho seu adoeceu com diarreia. Depois de 03 dias, conseguiu pegar dinheiro emprestado com o vizinho e o levou para Serra Talhada, para se consultar com o farmacêutico. Curiosamente ele preparava medicamentos caseiros a partir de plantas como quina-quina, pau-piranha, goiaba branca e ameixa, todos presentes na comunidade. Essa prática não era muito comum entre os farmacêuticos.

Maria explica que, quando estava grávida, nunca fez pré-natal. Sua filha mais nova, que tem 36 anos, não teve esse atendimento na época. Este tipo de atendimento para as mulheres, caso tivesse, não era acessível para as pessoas de sua comunidade. Ela lembra com carinho de banhos de assento com aroeira mansa e cajueiro, que eram comuns para aliviar desconfortos nas mulheres.

Com a falta de serviços médicos formais, Maria aprendeu a confiar na medicina popular, principalmente nas ervas e raízes da região. Embora a vida tenha se modernizado, Maria ainda usa os remédios naturais para aliviar dores. Ela menciona que muitas plantas ainda são usadas

¹³ Mau olhado ou quebranto é uma crença popular muito difundida no Brasil, principalmente nas regiões interioranas. Trata-se de uma suposta condição em que as pessoas, geralmente crianças, são afetadas por uma energia negativa proveniente de um olhar de outra pessoa. O termo também pode se referir à perda da fé ou um estado pessimista e derrotado. Quebranto também pode significar feitiço, fraqueza, debilidade, morbidez, ação ou efeito de quebrantar, de quebrar ou destruir por completo.

¹⁴ Vento caído é o estado em que uma criança fica quando se assusta com brincadeiras feitas por adultos, envolvendo pulos. A criança fica sem querer comer ou com diarreia, com coloração verde.

para tratar diversas condições, como dor de dente, febre, dor de cabeça e até infecções de feridas.

Ela acredita que a medicina caseira, quando bem aplicada, pode ser eficaz, especialmente para as doenças mais leves. Ela não conhece ninguém que tenha se prejudicado com o uso desses remédios.

3.2 ELIANE E SUA CONEXÃO COM A TERRA E O MEIO AMBIENTE

Eliane (Figura 13) nasceu em dezembro de 1971, em um contexto de muita simplicidade, sendo recebida por uma parteira experiente, que também auxiliou no nascimento de seu primeiro filho, anos depois. Ela teve a experiência de dar à luz em um ambiente rural, onde a tradição das parteiras era essencial para o parto, especialmente em locais mais distantes dos centros urbanos.

Figura 13 - Eliane e seu grande pé de boldo



Fonte: Autoria própria (2025);

Ao longo da vida, cultivou a terra, plantando cana-de-açúcar, hortaliças, mandioca e macaxeira. Ela conta que trabalhou com a produção de farinha em São José do Belmonte/PE, quando morava na cidade, utilizando a cana-de-açúcar e a pornunça¹⁵ um processo que fazia parte do seu cotidiano rural.

A rotina de Eliane também envolvia muitas tarefas braçais e difíceis. Ela precisava carregar água a uma distância de cerca de 1 km para atender às necessidades de sua casa, transportando-a em galões. Além disso, lavava roupas nesse mesmo percurso, em um esforço diário que exigia muita energia física.

Apesar de ter estudado apenas até a segunda série, Eliane sabe ler, embora não saiba escrever. Ela tem o desejo de continuar seus estudos em uma escola para adultos, mas admite que a disposição para seguir em frente com esse objetivo foi diminuindo com o tempo. Também compartilha que seus filhos não conseguiram completar o ensino primário, não por falta de oportunidade, mas por falta de interesse.

Em relação à sua religiosidade, Eliane tem um modo próprio de rezar. Ela sabe rezar "de zanga", uma oração popular para aliviar dores de cabeça, que envolve um frasco com água e a repetição de palavras mágicas para afastar o mal. Ela também recita uma frase que aprendeu: "Lá vem São Vicente com frasquinho na mão, tirando sol e sereno de [fulano]", embora não saiba rezar a terço sozinha, pois, com o tempo, esqueceu algumas partes, mas lembra com carinho das orações que aprendeu com seu pai, como o "Sonho de Nossa Senhora". Essas orações são simples, mas carregadas de uma forte conexão com a religiosidade popular, e incluem gestos como colocar o dedo sobre um ferimento e pedir que ele cesse de sangrar. Ela também recita orações como o Pai Nosso e a Ave Maria como parte de sua devoção e fechamento da reza.

No campo das curas populares, Eliane tem uma vasta experiência. Dentro de sua propriedade, ela plantava diversas plantas medicinais, como seriguela, meracilina, malva grossa, hortelã, erva cidreira e arruda, que usava para diversos fins terapêuticos. Ela também

¹⁵ Pornunça, também conhecida como pornúncia ou pornona, é uma planta da família de eurofóbiáceas, parente da mandioca (*Manihot esculenta*) e da maniçoba (*Manihot glaziovii*). Estudos sobre as características agrônomicas e fitotécnicas desta espécie sugerem que seja um híbrido natural ou mistura das duas espécies e, por isso, ainda não se tem o nome científico formalizado. O formato das folhas e os frutos são semelhantes ao da mandioca e os caules, por sua vez, são similares aos da maniçoba. Ela tem qualidades forrageiras e é bem adaptada a Caatinga pois suas raízes da são fibrosas e longas, consideradas excelentes reservas para períodos de estiagem (Silva e Moreira, 2007).

usava plantas como melão de São Caetano para tratar quenturas¹⁶, tanto nas partes íntimas, quanto em outras áreas do corpo; para ferimentos, ela preparava chá de ameixa, e o usava para acelerar a cicatrização; para insônia o chá de maracujá (com flores ou folhas) era um remédio caseiro eficaz. Para tratar de tosse, preparava garrafadas¹⁷, como uma feita com jatobá e cachaça; e para dor nas juntas uma mistura de romã, gengibre e hortelã com água filtrada.

Ela comenta um fato importante é que, no passado, muitas crianças recém-nascidas e mulheres morriam durante o parto, refletindo as dificuldades de viver em uma área sem acesso fácil a cuidados médicos adequados. Ela também conta sobre o episódio de seu cunhado, que, após tomar um chá de folha de juazeiro, acabou intoxicado e teve que ser levado ao pronto-socorro, o que revela os riscos que envolvem o uso de remédios caseiros sem o devido conhecimento. A medicina popular, apesar de eficaz em muitos casos, requer cuidado e conhecimento para evitar complicações.

Eliana compartilha uma vida marcada pela luta diária no campo, pela conexão com a natureza e pelas tradições familiares, seja nas práticas religiosas ou nas curas populares. Ela é um exemplo de resistência e de uma sabedoria que passou de geração em geração, mesmo em tempos em que os recursos eram escassos.

3.3 MARIA BARBOSA E SUA CONEXÃO ÍNTIMA COM A FÉ

Maria (Figura 14) se casou em 1977 com seu primeiro esposo, e o relacionamento durou até 2008. Ela enfrentou muitas perdas ao longo da vida, incluindo a morte de um filho com um ano de idade e outro com apenas um mês. Do seu segundo casamento, Maria teve cinco filhos. Ela também passou por situações difíceis, como a perda de uma gravidez de gêmeos, que ocorreu devido a uma queda da rede. Outro filho faleceu de uma doença desconhecida quando tinha apenas oito meses. Além disso, Maria teve todos os seus filhos em casa. A parteira responsável pelos partos era uma mulher chamada Veneranda de Pedro Silvino, que cuidava de todas as necessidades de parto na comunidade.

Ela conta que o parto da filha mais nova foi por cesariana, pois a criança estava sentada. Durante o processo, Maria adoeceu e ficou dois dias sem conseguir dar à luz. Foi então que ela

¹⁶ Quenturas são alergias, assaduras, infecção urinária ou irritação na pele nos órgãos genitais, que podem ser oriundas de falta de higiene, roupa íntima contaminada ou até doenças sexualmente transmissíveis (DSTs).

¹⁷ Garrafadas são misturas de ervas, raízes, cascas e outros ingredientes naturais, utilizados na medicina popular. São preparados por decocção, infusão ou maceração e podem ser fermentadas em bebidas alcoólicas, como vinho branco e cachaça com adição de mel.

se dirigiu até Serra Talhada, onde finalmente teve o parto. Nessa época, não tinha o acompanhamento durante a gravidez.

Maria trabalha na roça com cultivo de milho, algodão, andu, fava, feijão de corda, batata doce e mamona. Ela costumava colher até dois sacos de mamona, que vendia para fazer sabão.

Também cultivavam ervas como alecrim, malva grossa, arruda, capim-santo, erva-cidreira e hortelã, além de frutíferas, como goiaba, limão e mamão. Quando eu era pequena, o limão, que ela usava para tratar gripes, era uma das suas plantas favoritas. Atualmente, com a idade avançada, ela planta menos, pois está cansada e não consegue mais cuidar dos cultivos como antes.

Figura 14 - Maria Barbosa, com seus ramos para tirar quebranto ou mal olhar



Fonte: A autoria própria (2025);

A família tinha o hábito de buscar água na nascente de dois vizinhos da comunidade, que ficava a cerca de 1 km de distância. Também trazia água na cabeça com balde, de cacimbas. Ela carregava a água na cabeça, enquanto os homens, quando não estavam no roçado, carregavam em galões. Hoje, para irrigar as plantas, já não é mais algo que ela possa fazer sozinha.

Com relação ao estudo, ela estudou até a segunda série do ensino fundamental, mas seu pai não permitiu que ela continuasse. Além disso, a professora foi embora para Calumbi, e naquela época, as mulheres não tinham a mesma liberdade para estudar que os homens. Os irmãos de Maria foram os únicos que puderam estudar em Calumbi. Ela não conseguiu aprender

a assinar o nome, mas aprendeu desde pequena a rezar com sua avó paterna, com os pais e quando estudou a crisma, demonstrando sua relação íntima com a fé. Ela se recorda que dormia com a avó que acordava para rezar, todas as madrugadas. Também rezava o terço na casa de sua mãe, e, com a ajuda da avó, aprendeu a rezar para a cura de problemas como mau olhado, feridas na boca e engasgos. Ela não reza sozinha, só acompanhada no momento do terço. Não teve interesse em aprender, pois seus pais sabiam fazer e não achava importante.

Hoje Maria utiliza remédios caseiros preparados por ela mesma utilizando ervas medicinais plantadas no seu quintal ou ervas nativas coletadas na área de pousio do nosso território. Uma das plantas utilizadas é a pimenta de macaco, a qual faz chá para tratar gripes. Ela acredita que é preciso fazer o manejo adequado das plantas para que elas continuem fortes o suficiente para que sigam prosperando.

3.4 FRANCISCA GERTRUDES E SEUS SONHOS POSSÍVEIS

A história de vida de Francisca (Figura 15) revela uma trajetória profunda e de muitos desafios. Uma mulher que nasceu em 1949 no território do sertão, casou-se aos 16 anos e teve 15 filhos, dos quais 13 sobreviveram.

Ela viveu experiências intensas de dor, mas também de resistência e fé. Dois filhos faleceram quando ainda eram crianças e, entre os adultos, ela enfrentou a perda de mais quatro ao longo da vida.

A dor da maternidade também se manifestou de maneira cruel quando um de seus filhos exigiu uma cesárea após dias de sofrimento, e, em outro caso, ela enfrentou uma tragédia familiar que a levou a um complicado parto.

Sua infância, marcada por dificuldades, remonta a uma vida simples e rural. A família plantava principalmente milho, feijão de corda e algodão. No quintal a única fruta era a pinha, e na casa de seu bisavô havia uma mangueira e um cajueiro, árvores que existem ainda hoje e que, possivelmente, tem mais de 100 anos.

As dificuldades com a água eram grandes e, em tempos de seca, a água era carregada da casa dos vizinhos, algo que ela fazia com frequência.

Mesmo assim, sua infância foi cheia de memórias de oração e fé. A religião desempenhou um papel fundamental em sua vida. Aprendeu a rezar com a avó, que tinha uma devoção especial por São Miguel Arcanjo. Participava das novenas e orações em família, e ao longo dos anos, desenvolveu um conhecimento profundo de orações para curar, como a oração

contra o mau-olhado e até para feridas. Essa sabedoria foi transmitida a ela por sua avó e tios e, com o tempo, ela passou a ensinar sua filha caçula, garantindo que as tradições continuassem vivas.

Figura 15 - Francisca explicando os benefícios da casca de romã



Fonte: Autoria própria (2025);

Ela tem grande respeito pelas plantas medicinais, que sempre fizeram parte de sua vida, seja por tradição familiar ou por necessidade. Recordar-se de como sua avó a tratava com remédios naturais, como o chá de catinga branca e a mistura de mostarda com alho, para aliviar febres e outros males. Ao longo de sua vida, ela continuou a utilizar esses remédios e tem plena convicção de seu poder de cura.

Quanto à educação, ela começou sua trajetória escolar tarde, mas não perdeu a esperança. Aos 13 anos, já estudava o antigo Mobral e no início dos anos de 2000, depois da perda de seu marido e mãe, ela decidiu voltar aos estudos, completando o ensino fundamental. Mais tarde, em 2024, terminou o ensino médio em um projeto de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

3.5 JOAQUINA MARIA E A RESILIÊNCIA PARA SOBREVIVER QUANDO CRIANÇA

Joaquina (Figura 16) tem 48 anos, nasceu de 07 meses pelas mãos de uma parteira. Naquela época não teve a assistência para se desenvolver melhor em uma incubadora. Ela lembra que seus pais contavam que a colocavam dentro de uma caixa de sapato com algodão para aquecê-la.

Hoje é mãe de três filhos e todos nasceram por parto normal na maternidade, onde teve todo o acompanhamento nas gravidezes pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Quando criança, cresceu em um ambiente rural, cultivando feijão, milho, algodão, batata-doce, mamona, andu e várias frutíferas como, goiaba, limão e mamão ao redor de sua casa. A água era trazida com um balde na cabeça das cacimbas.

Figura 16 - Joaquina colhendo acerola



Fonte: Autoria própria (2025);

Sua trajetória educacional foi cheia de dificuldades, mas também de aprendizados. Estudou até os 25 anos, concluindo o ensino fundamental, e, aos 46, terminou o ensino médio em comunidade vizinha a sua moradia, através do Projeto EJA (Educação de Jovens e Adultos) no campo.

Quanto à espiritualidade, Joaquina não sabe rezar o Terço sozinha, mas sempre acompanhou nas orações, principalmente durante o momento do terço, aprendendo com seus pais e também durante sua preparação para a Crisma.

Em relação ao uso de remédios caseiros, ela aprendeu a fazer xarope para tosse, e remédios para dor de barriga e diarreia com seus pais, mas, por não achar essencial, nunca teve muito interesse em aprender mais sobre isso. As plantas medicinais que ela utiliza, todas estão no quintal de sua casa e na área de pousio, sendo nativas do território onde vive.

A seguir, na Tabela 1, apresentarei as principais plantas medicinais usadas pelas mulheres da minha família e da minha comunidade, seus nomes populares, seus nomes científicos, seus usos, as partes das plantas usadas, os ambientes em que ocorrem e as contraindicações.

Tabela 1 - Principais plantas e seus usos pelas mulheres da Comunidade Santana dos Guerras - antes e hoje

NOME POPULAR DA PLANTA	NOME CIENTÍFICO	USOS	PARTE DA PLANTA USADA	MODO DE PREPARO	OS AMBIENTES ONDE OCORREM OU SÃO CULTIVADAS	CONTRA INDICAÇÕES
Alecrim do mato, da chapada, de tabuleiro ou de vaqueiro	<i>Lippia grata</i> Schauer (Verbenaceae)	Anti-inflamatória e descongestionante nasal combatendo os sintomas da gripe e é usado como incenso	Folhas, flores e galhos	Preparo do chá na forma de infusão com 03 colheres de folhas e os galhos finos em 01 litro de água. Ferva por 10 minutos e deixe amornar e faz o uso como inalação	Na mata e nas áreas que estão em pousio.	Não usar em bebês, diabéticos, gestantes, lactantes, alérgicos
Ameixa	<i>Hymenaea courbaril</i>	Gripes e resfriados	cascas	Lambedor das cascas com açúcar ou mel: coloca em uma panela para ferver até ficar ponto de caramelo.	Nas matas, área de pousio e ao redor de casa, quando é feito o plantio	Bebês e gestantes
Arnica	<i>Arnica acaullis</i>	Anti-inflamatória e para hematomas, contusão, dor nas articulações	folhas	Tinturas: higieniza as folhas, coloca em um frasco limpo, adicione o álcool, deixe descansar por 07 dias em local escuro. Durante esse tempo chacoalhe a mistura uma vez por semana	Ao redor de casa.	feridas abertas, olhos e nunca deve ser ingerida. Não usar em crianças menores de 12 anos.
Aroeira Mansa	<i>Schinus terebinthifolius</i>	Cicatrizante anti-inflamatória, anti	Cascas	Tintura: deixa a casca de molho	No quintal, nas matas e no roçado	Não conhece

NOME POPULAR DA PLANTA	NOME CIENTÍFICO	USOS	PARTE DA PLANTA USADA	MODO DE PREPARO	OS AMBIENTES ONDE OCORREM OU SÃO CULTIVADAS	CONTRA INDICAÇÕES
		séptica tópica e banho de assento				
Caatinga branca	Linhares tinctoria	Cólicas abdominais ou dor de barriga. Usado também com vermífida	Cascas	Chá: Em uma vasilha com 200ml de água fervente, acrescente uma colher (sopa) das raspas das cascas e abafa, depois de morno, coe e tome.	Na mata ou pousio	Não deve ser usado por gestantes, hipertensos e diabéticos.
Jatobá	Hymenaea courbaril	Gripes e resfriados (lambedor); problema de sangue (garrafada)	cascas	Em uma panela junte as cascas e açúcar e coloque para ferver até ficar no ponto de caramelo para tosse, ou em garrafada, mistura com cachaça e, depois de três dias.	Na mata ou ao redor de casa quando for feito o plantio.	Não conheço
Mussambê	Cleome affinis	Asma	Raiz e casca	Chá e lambedor	Em área de pousio	
Murta		Anemia, banho de assento	Folhas e frutas		Exu/Chapada do Araripe- PE.	Não consumir muito fruto devido a alta concentração de ferro.
Velame do campo	Croton campestris A. St-Hill	Sangue grosso (furúnculo) e dores nas articulações	Raízes e leite	Chá de infusão	Na mata e nas áreas que estão em pousio.	Em pessoas que tem alergia as folhas da planta.

NOME POPULAR DA PLANTA	NOME CIENTÍFICO	USOS	PARTE DA PLANTA USADA	MODO DE PREPARO	OS AMBIENTES ONDE OCORREM OU SÃO CULTIVADAS	CONTRA INDICAÇÕES
Melão de São Caetano	Momordica Indica L.	Hemorroidas e diarreia (infusão);coceira (pomada) e pulgas em animais (banho)	Folhas	Infusão para hemorróidas e diarreia. Para fazer pomadas para coceira e em animais para dar o banho para pulgas	Em área de pousio	Em grávidas
Arruda	Ruta graveolens	Anti-inflamatória, vermífuga e analgésica	folhas e galhos	Em um litro de água, adicione as folhas secas e cubra a mistura, deixe descansar por alguns minutos e já está pronto para beber.	Em baldes e no Relógio Biológico do corpo Humano	gestantes e amamentando.
Babosa	Aloe Vera	Tratamento tópico de queimaduras, verminose e estético e capilar	Gel das folhas		na agrofloresta e espalhadas pelo terreiro	alérgicos
Boldinho	Plectranthus ornatus	Má digestão, diminuir gases e curar ressaca.	Folhas	Chá: Em uma vasilha com 200ml de água fervente, acrescente uma colher (sopa) das folhas picadas e abafa. Depois de morno coe e tome.	Em baldes e no Relógio Biológico do corpo Humano	Não pode ser usada por bebes crianças, mulheres em amamentação, pessoas com hepatite aguda, pedra na vesícula.
Caju	Anacardium occidentale	Ferimentos e banho de assento.	Cascas, folhas	Chás e Molho (colocar as cascas em uma vasilha e deixe descansar pelo minin	Ao redor de casa e área de pousio	Não conheço

NOME POPULAR DA PLANTA	NOME CIENTÍFICO	USOS	PARTE DA PLANTA USADA	MODO DE PREPARO	OS AMBIENTES ONDE OCORREM OU SÃO CULTIVADAS	CONTRA INDICAÇÕES
				de 02 e lava o local.		
Capim Santo	Cymbopogon citratus	Insônia e calmante	Folhas	Coloca água para ferver e acrescentar 01 colher de folhas da planta, desligue o fogo e abafe. Depois de 15 minutos, coe e beba.	Vasos e canteiros de plantas medicinais.	Pressão baixa
Erva cidreira	Lippia alba	Calmante, dor de barriga e cólicas menstruais	folhas, flores e galhos	Colocar 250 ml de água na panela e deixar ferver. Desliga o fogo e mergulha 03 colheres de folha de erva cidreira. Tapa a panela e espere esfriar um pouco e beba	Ao redor de casa	mulheres Grávidas ou amamentação
Eucalipto	Eucalyptus sp.	Combate sintomas da gripe, febre e dor de garganta.	Folhas	Em 250 ml de água para 03 colheres de folha de eucalipto. Colocar 250 ml de água na panela e deixar ferver. Desliga o fogo e mergulhe o eucalipto. Tampe a panela e espere esfriar um pouco. É só beber, ou fazer inalação e lavar a cabeça.	No quintal em área de pousio	Não conheço
Gengibre	Zingiber officinale	Cólicas e gripes e sintomas de resfriados	Raízes	Ferva a quantidade de água de um copo	Em vasos	Hipertensos

NOME POPULAR DA PLANTA	NOME CIENTÍFICO	USOS	PARTE DA PLANTA USADA	MODO DE PREPARO	OS AMBIENTES ONDE OCORREM OU SÃO CULTIVADAS	CONTRA INDICAÇÕES
				americano e acrescente os pedacinhos de gengibre, tampe e aguarde 15 minutos, coe e beba em seguida.		
Hortelã	Mentha spp. (principalmente Mentha piperita e Mentha spicata)	Tratamento respiratórios e gastrointestinais, expectorante e para eliminação de gases	folhas	Chá	Em baldes e no Relógio Biológico do corpo Humano	Não conheço
Malva grossa	Plectranthus amboinicus	Gripes e resfriados	Folhas e galhos	Em uma panela, junta as folhas e açúcar ou mel de abelhas e coloca para ferver até ficar no ponto de caramelo	Em baldes ou diretamente no chão	Não conheço
Maracujá	Passiflora ssp.	Insônia e ansiedade	Folhas	Coloca água para ferver e dentro da xícara, acrescente as folhas e abafa. quando esfriar, está pronto para beber.	Na mata e quando plantamos ao redor de casa.	Tem pressão baixa
Mastruz ou Erva de Santa Maria	Chenopodium ambrosoides	Verminoses, antiviral, má digestão, analgésico e	Folhas e galhos	Infusão, maceração, tintura ou alcoolatura.	Em baldes e no Relógio Biológico do corpo Humano	Não conheço
Pega pinto	Boehavia difusa L.	Diurética e tem	Raízes	Chá da raiz	Roçado e ao redor de	Consumir folhas

NOME POPULAR DA PLANTA	NOME CIENTÍFICO	USOS	PARTE DA PLANTA USADA	MODO DE PREPARO	OS AMBIENTES ONDE OCORREM OU SÃO CULTIVADAS	CONTRA INDICAÇÕES
		propriedades para proteção do fígado	Folhas	As folhas podem ser usadas na salada.	casa	depois do branqueamento
Pimenta de Macaco	Piper aduncum L.	Cólicas menstruais e dores de garganta	Frutos	Chás	Ao redor de casa	Não conhece
Pinha	Annona squamosa	Piolho	Folha e sementes	Faça o sumo das folhas ou sementes macerados e beba	Ao redor de casa e no roçado.	Evitar que o sumo caia nos olhos
Romã	Punica granatum	Dor de garganta, inflamações diversas e colírio natural	Cascas da fruta e a água das sementes	Coloca de molho e faz o gargarejo com a água e chupa as sementes	Nos quintais	Não conhece
Seriguela	Spondias purpurea	Dores de barriga (diarreia e câimbra de sangue)	Folhas	Macerar as folhas e colocar de molho por, no mínimo, meio hora, acrescente sal e goma e depois coe e beba.	Quintais e no roçado	Não se alimentar dos frutos se estiver algum ferimento e no período menstrual.
Terramicina ou penicilina	Alternanthera brasiliana	Anti-inflamatória	Folhas	Chá das folhas: acrescenta as folhas na água fervendo e, em seguida, abafada. Beber depois de 15 minutos. Macerado para ferimentos	Ao redor de casa	Erva Baleeira
Erva Baleeira	Cordia verbenacea	Combate a insônia	Folhas	Ainda não foi usada	Agrofloresta	-

Fonte: Elaboração própria (2025);

Após analisar a Tabela 1 percebemos a presença de uma rica diversidade de plantas citadas pelas mulheres (29 espécies), sendo que, algumas espécies são nativas da caatinga, como a aroeira mansa, ou são nativas do Nordeste como cajú ou são exóticas vindas de vários lugares.

As partes das plantas mais utilizadas são as folhas e o uso mais frequente é na forma de chás para cuidar da dor e os sintomas de gripes e resfriados.

Hoje, utilizamos algumas das plantas que meus pais cultivavam e, com o tempo, fomos incorporando outras, sempre buscando novos conhecimentos a partir de diferentes realidades. Algumas plantas, como a catingueira e a ameixa, foram deixadas de lado, enquanto outras, como a terramicina, o boldinho e a erva-baleeira, passaram a fazer parte do nosso cotidiano.

Algumas mulheres possuem espaços específicos para o cultivo das plantas medicinais, principalmente nos quintais. Elas são cultivadas em vasilhas suspensas para protegê-las do ataque das galinhas e dos caprinos que comem tudo o que encontram. A prática tradicional do cultivo e o uso de plantas medicinais nos quintais é denominada de farmácia viva, estratégia usada pelas mulheres para manter guardados os conhecimentos e promover a saúde e tratar doenças de forma acessível perto de casa, sem a necessidade de produtos químicos ou medicamentos industrializados. Já as outras plantas que os animais não conseguem acessar, ficam espalhadas pela propriedade, sendo cuidadas e usadas conforme a necessidade. Mais recentemente vem sendo incentivada a implantação do relógio biológico do corpo humano com o uso de técnicas da permacultura, com o que tem disponível na propriedade e com plantas da região e outras que conseguem se adaptar.

Esse processo de adaptação e aprendizado foi fundamental para entender o que funciona melhor para a nossa realidade e para a convivência com o semiárido. Muitas plantas sensíveis a altas temperaturas (por exemplo, o alecrim e hortelã) não resistem ou sofrem muito no período de estiagem.

Durante o período de estiagem, muitas plantas apresentam uma adaptação interessante pois, para sobreviver, perdem suas folhas. Esse fenômeno ocorre principalmente para reduzir a transpiração e conseqüentemente a perda de água. Sem as folhas a planta diminui a quantidade de umidade que perde para o ambiente, que é crucial para a sobrevivência durante os meses mais secos. Essa adaptação é um exemplo claro de como a natureza se ajusta para manter a continuidade das espécies em épocas difíceis. No entanto nas comunidades rurais de cultura tradicional, as mulheres têm desempenhado um papel fundamental no manejo das plantas pois, elas aplicam conhecimentos passados de geração em geração, como manter as plantas vivas, que são: cultivo de plantas nativas e resistentes, manejo adequado de irrigação de salvação e cobertura de solo com matéria orgânica, que ajuda a reter a umidade e proteger as raízes.

Algumas plantas exóticas se adaptam muito bem ao nosso clima e conseguem se desenvolver, por exemplo, a babosa.

Na Tabela vimos a presença de uma planta com nome de “remédio de farmácia” (terramicina). Ela possui as propriedades terapêuticas da terramicina-remédio convencional e, por isso, ficou conhecida com esse nome. Os nomes populares e conhecimentos dessa planta foram perdidos ou ocultados ao longo da sua disseminação.

4. ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS OBRIGATÓRIOS I E II - APROFUNDANDO O CONHECIMENTO SOBRE AS PLANTAS MEDICINAIS USADAS PELAS MULHERES CAMPONESAS DO SERTÃO

Mesmo com toda a vivência tida com minha família sobre as plantas medicinais, sempre senti uma necessidade maior de aprender sobre o seu uso. Para aprofundar esse conhecimento, decidi fazer os Estágios Supervisionados Obrigatórios (ESO) I e II abordando esse tema, sempre a partir do protagonismo das mulheres agricultoras.

O primeiro estágio foi realizado na Associação de Agricultores Familiares da Serra dos Paus Dóias (Agrodóia), uma associação mista de agricultores em Exu na Chapada do Araripe-PE, onde pude conhecer o trabalho que as mulheres desenvolvem e especificamente o trabalho de Silvanete Lermen, uma mulher negra, agricultora agroflorestadora, “benzedeira de mãos postas”¹⁸, educadora popular, graduada e mestranda em Extensão Rural pela Universidade Federal do Vale do São Francisco.

Ela realiza um trabalho fantástico com plantas medicinais e plantas espirituais, produzindo pomadas, xaropes, e também cria abelhas melíponas com o objetivo de preservar as espécies, além de realizar atividades pedagógicas. Também cria abelhas *Appis* para a produção e comercialização do mel. O cultivo na sua propriedade é extremamente biodiverso, com plantas medicinais espalhadas por toda a área, incluindo muitas espécies endêmicas e outras exóticas, além do cultivo de grãos, frutíferas e plantas usadas na alimentação que poderiam ser chamadas de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs).

¹⁸ Durante o estágio, Silvanete explicou que este dom é praticado por todas aquelas pessoas que vêm das matas e conseguem se conectar através de todos os sentidos, não ficando presas somente ao ramo para benzer, mas colocando as “mãos postas” na pessoa, ou seja, as mãos abertas direcionadas para a pessoa com incômodos ou enfermidades. Ao colocar as mãos diretamente na área afetada, sentem/percebem aquilo que perpassa dela. Sabem se o incômodo ou a enfermidade vai necessitar de acompanhamento hospitalar ou de outra pessoa com maior experiência. As Benzedeiras de Mãos Postas conseguem curar se o incômodo ou enfermidade não tiver origem espiritual. Ela relatou que trabalha o equilíbrio do corpo da pessoa com incômodo usando um pêndulo. Usa também água ou óleos se perceber a necessidade da pessoa, pois tem a liberdade de trabalhar com vários elementos/segmentos do seu entorno. Ela relata que às vezes inicia benzendo sem ramos e, no meio da reza, percebe que precisa e vai buscar ou que começa com o ramo e no meio da reza percebe que não precisa dele.

A família se distribui entre as tarefas, e todos têm uma função importante. Realizamos várias atividades que nos proporcionaram experiências como, catalogar as plantas, aprender sobre o beneficiamento e extração de óleos essenciais e hidrolatos¹⁹ e entender como produzir óleos medicinais.

Dessa experiência aconteceu bons frutos, pois em parceria com Lara Rebonato, Silvanete e Vilmar Lermen, tivemos um resumo²⁰ aprovado no 1º Congresso Internacional Sobre Mudanças Climáticas e suas Consequências em Territórios Semiáridos, intitulado “Sistemas Agroflorestais Recuperando Agrobiodiversidade no Semiárido Pernambucano”, promovido pela Universidade Vale do São Francisco (UNIVASF) (Nascimento Júnior e outros, 2025).

Figura 17 - Transecto na agrofloresta de Lucia, agricultora associada na Agrodóia



Fonte: Autoria própria (2024);

¹⁹ De acordo com Silvanete da Agrodóia, hidrolato é uma água que contém moléculas hidrofílicas das plantas e uma pequena porcentagem de óleo essencial. Eles podem possuir propriedades hidratantes, refrescantes, tônicas, antissépticas, entre outras. Os hidrolatos são obtidos através de um processo de destilação com vapor, que visa a extração de óleos essenciais de determinadas plantas.

²⁰ Este resumo foi aprovado, apresentado e publicado.

Figura 18 - Resultado da produção de óleo essencial da planta maria preta, armazenado em garrafas *pet*



Fonte: Autoria própria (2024);

Figura 19 - A casa de meliponicultura- Exu/PE



Fonte: Autoria própria (2024);

Figura 20 - SAF forrageiro para os bovinos na propriedade de Silvanete



Fonte: Autoria própria (2024);

O segundo Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO) II, foi realizado na Adessu, outra associação de agricultores e agricultoras situada em Triunfo -PE e trabalha também com agricultores/as de Santa Cruz da Baixa Verde/PE. Com a supervisão de Leandro e a equipe técnica e estagiárias, pude acompanhar as atividades do projeto “Sistemas Integrados de Tecnologias Hídricas Sociais para fortalecer a bioeconomia da fruticultura na agricultura familiar no Sertão do Pajeú (PE)” que está em execução. Realizei atividades sobre o uso das plantas medicinais e o papel da assessoria/educação nesta questão. Durante esse estágio pude aplicar e analisar questionários, contribuir na elaboração de uma cartilha sobre produção dos principais cultivos presentes na Serra da Baixa Verde, como feijão, milho e café, realizar práticas de podas e manejo relacionadas às tecnologias implantadas no CEA/SESC em Serra Talhada e analisar as potencialidades e fragilidades das unidades visitadas. As atividades foram realizadas junto a 47 unidades familiares das 100 unidades que compõem a primeira fase do projeto.

A educação não formal realizada a partir desta experiência promove a inclusão social, a troca de saberes, onde se tem a oportunidade de aprender e ensinar, alimentando o sonho de e a construção de uma sociedade justa e igualitária.

As mulheres com quem estagiei também cultivam plantas medicinais, mas em quantidades menores e de forma mais pontual. Acredito que, com o tempo, algumas tradições

sobre o uso das plantas foram se perdendo ou as pessoas passaram a depender mais da medicina convencional.

As plantas existentes em Exu na Chapada do Araripe possuem muita semelhança em certos aspectos, com as encontradas nos quintais de Santa Cruz da Baixa Verde. Muitas se repetem nesses territórios, por exemplo a aroeira, o melão de são caetano e o velame. Outras plantas são específicas de cada local, como por exemplo, a murta que ocorre nas caatingas da Chapada do Araripe. Exu tem clima frio e seco e altitude elevada, enquanto em no meu território, Santa Cruz da Baixa Verde, temos temperaturas um pouco mais baixas, mesmo que ambas estejam localizadas em regiões semiáridas.

As figuras 21 e 22 mostram elementos vivenciados durante a aplicação do diagnóstico junto às famílias.

Figura 21 - Pimenta de macaco encontrada no quintal de uma família agricultura no município de Triunfo/PE



Fonte: Acervo da Adessu Baixa Verde (2024);

Figura 22 - Visão do quintal produtivo e sua diversidade de um agroecossistema familiar de Santa Cruz da Baixa Verde



Fonte: Acervo da Adessu Baixa Verde (2024);

Melo; Santos e Coelho-Ferreira (2021) observam que a promoção de saúde através das plantas medicinais, as informações e conhecimentos acumulados, multi interdisciplinares, são essenciais para que estratégias de educação em saúde sejam exploradas, sendo uma perspectiva que envolve o conhecimento popular e científico, de maneira que levem ao empoderamento das pessoas com habilidades e competências para atuar no autocuidado ou, ainda, como disseminadores/multiplicadores de informações baseadas em evidências demonstradas por pesquisas científicas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha jornada como agroecóloga e educadora tem sido um caminho de aprendizado e transformação. Olhando para trás, vejo que os maiores ensinamentos que recebi têm a ver com o cuidado com o nosso planeta e com o bem-estar das pessoas. Ao longo dessa caminhada, adquiri um conhecimento profundo e único, que nunca poderia ter sido encontrado em nenhum outro lugar. E, mais do que isso, acumulei experiências que, hoje, são parte de quem sou e do trabalho que realizo.

Com foco na agroecologia e na valorização do trabalho das mulheres no campo, desenvolvi estratégias de convivência com o semiárido, demonstrando a importância da

participação feminina na construção de um mundo mais sustentável. Minha trajetória exemplifica o potencial das mulheres como agentes de transformação, capazes de promover mudanças significativas em suas comunidades e na sociedade como um todo.

Sinto que é minha responsabilidade compartilhar tudo o que aprendi, sempre que a oportunidade surgir, para que mais pessoas possam se beneficiar desse conhecimento e, assim, construir um futuro melhor para todos e todas.

Tenho o desejo de conquistar uma vaga em um concurso público, pois sei que isso me trará a estabilidade financeira necessária para seguir com meus projetos e continuar trabalhando por um mundo mais justo. Tenho um sonho de contribuir com espaços que valorizem o trabalho das mulheres e de ajudar a criar políticas públicas que resgatem saberes ancestrais e incentivem a produção de fitoterápicos, beneficiando minha cidade e região.

Para mim, ser educadora popular é a realização de um sonho que, a cada dia, se fortalece mais. E, ao perceber que minha contribuição está, de alguma forma, melhorando a vida das pessoas ao meu redor, sinto uma gratidão imensa e uma realização que vai além de qualquer palavra.

6. REFERÊNCIAS

- ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS, 2001.
- BORSATO, A. V., SILVA, A, SANTOS, A. G., JORGE, M. H. A. **Plantas medicinais e agroecologia: uma forma de cultivar o saber popular na região de Corumbá, MS** [recurso eletrônico] Corumbá: Embrapa Pantanal, 2009. 12 p.
- CASTRO, Nailton R. de; CASTRO, Edna da F. S.; LIRA, Wagner, Lins; SILVA, Tania M. S. da **Relação das plantas medicinais e a agroecologia**. Revista Cadernos Pedagógico. v. 21 n. 5 (2024). Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/4306> Acesso em: 20 jan. 2025.
- GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. 2ªed. Ed. UFRGS. Porto Alegre, 2000.
- MARZALL, Katia. Fatores geradores da agrobiodiversidade – influências socioculturais. **Rev. Bras. Agroecologia**, v.2, n.1, fev. 2007. Disponível em: <https://aba-agroecologia.org.br/revista/cad/article/view/1911/1740>. Acesso em: 22 dez. 2024.
- MELO, P. M. C. O.; SANTOS, R. S.; COELHO-FERREIRA, M. **Dinâmicas de conhecimento e uso de plantas medicinais em um assentamento rural de Belém do Pará - PA**. Rodriguésia [online]. 2021, v. 72.
- NASCIMENTO JÚNIOR, Braz José do; SILVA, Ana Caroline C. P. da; NUNES, Elaine M. B.; LIMA, Yan S.; OLIVEIRA, Lúcia Marisy S. R. de. Anais do I Congresso Internacional sobre Mudanças Climáticas e suas Consequências em Territórios Semiáridos (I CIMCCTS). Juazeiro, BA: UNIVASF, 2025. p. 1576 a 1580.

SILVA, Alineaura F. e MOREIRA, José N. Pornunça. Aspectos técnicos de produção. EMBRAPA Semiárido: Petrolina, 2007. Disponível em Pornuncaaspectostecnicosdeproducao0001.pdf. Acesso em: 12 jan. 2025.

UFRPE. Projeto Pedagógico do Curso Bacharelado em Agroecologia. Recife, 2023.

VELLOSO, C. C.; WERMANN, A. M.; FUSIGER, T. B. **Horto medicinal relógio do corpo humano**. EMATER/RS, Putinga-RS, 2005.

VILAR, Daniela de Araújo; VILAR, Marina Suênia de Araújo; BRANDÃO, Mariana Plácido. ANJOS, Caio José Florêncio dos; SILVA, Adriano Ezequiel. Plantas medicinais: um guia prático. Aracaju: IFS, 2019. Disponível em <https://repositorio.ifs.edu.br/biblioteca/handle/123456789/1104>. Acesso em abril de 2025.

ANEXO I - ORAÇÃO ESCRITA PELO MEU PAI, USADA PARA MALES DA GARGANTA.

Jesus nasceu sem pecado original e
 sem pecado original e certa
 palavra como Maria foi Virgem
 do céu Benta filha assim seja tu
 tu fulano tal e cõo de mau de garganta
 e ferida de goela e isquemência
 e garrutia e todos os males que tiver
 3 Pai Nosso e 3 Ave Maria
 Oferecer 5 chagas de Nosso
 Senhor Jesus Cristo

Fonte: Acervo da família (2024);

Jesus nascido, Jesus nascido sem pecado original,
 é certa a palavra como Maria foi virgem do céu,
 benta filha, assim seja tu (nome da pessoa)
 livre e sã de mau de garganta e ferida de goela e isquemência
 e garrutia e todos os males que tiver.

Rezar 3 Pai Nosso
 Rezar 3 Ave Maria
 Oferecer as 5 chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo.

APÊNDICE I - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM AS MULHERES E SUAS PLANTAS MEDICINAIS.

1. Apresentação pessoal e onde nasceram;
 2. Quando casaram?
3. Quantos filhos e como vieram ao mundo?
4. O que plantavam na época da infância?
 5. Como era o acesso à água?
 6. Teve e como foi o acesso à educação?
7. Como aprendeu a rezar, terço e orações de cura?
 8. Quem repassou os conhecimentos?
9. Quais são os benzimentos que vocês fazem?
10. Quais as “meizinhas”²¹ que costuma fazer, para uso próprio ou para comercializar?
11. Quais plantas medicinais são usadas por você? Quais seus usos? Quais partes das plantas são usadas? Onde elas são encontradas? Quais as contraindicações?

²¹ Meizinha é uma preparação caseira que utiliza plantas medicinais frescas ou secas para fazer remédios como chá, pomada, extrato e lambedores e etc.

APÊNDICE II - TERMO DE CONSENTIMENTO PARA USO DE IMAGEM E PARTICIPAÇÃO NO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (PARA RESPONSÁVEL LEGAL PELO MENOR DE 18 ANOS)

APÊNDICE II - TERMO DE CONSENTIMENTO PARA USO DE IMAGEM E PARTICIPAÇÃO NO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (PARA RESPONSÁVEL LEGAL PELO MENOR DE 18 ANOS)

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
BACHARELADO EM AGROECOLOGIA**

Solicitamos a sua autorização para usar a imagem e informações do seu filho **Bruno Renato Moreira de Lima** para compor o texto do trabalho de conclusão de curso do Bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Este trabalho é de responsabilidade do estudante Cicera Maria de Jesus, com endereço eletrônico ciceramariasnk@hotmail.com e telefone (87) 988094633, sob orientação de Maria Virginia de Almeida Aguiar, com endereço eletrônico mariavirginia.aguiar@ufrpe.br e telefone (81) 997955110.

Em caso de dúvidas a respeito, entrar em contato com os/as responsáveis pelo trabalho.

[Redacted Signature] _____
Joaquina Maria de Lima

RG: [Redacted]

[Redacted Signature] _____
Assinatura da estudante